

# Macau 澳門



## COOPERAÇÃO REVITALIZADA

Após hiato imposto pela COVID-19, a visita do Chefe do Executivo a Lisboa abre novas portas na relação com Portugal



### ENTREVISTA

## Embaixador de Cabo Verde enaltece apoio de Pequim

### INTEGRAÇÃO FINANCEIRA MACAU E HENGQIN ACELERAM PASSO



### METAVERSO EMPRESAS LOCAIS BUSCAM OPORTUNIDADES NA INOVAÇÃO

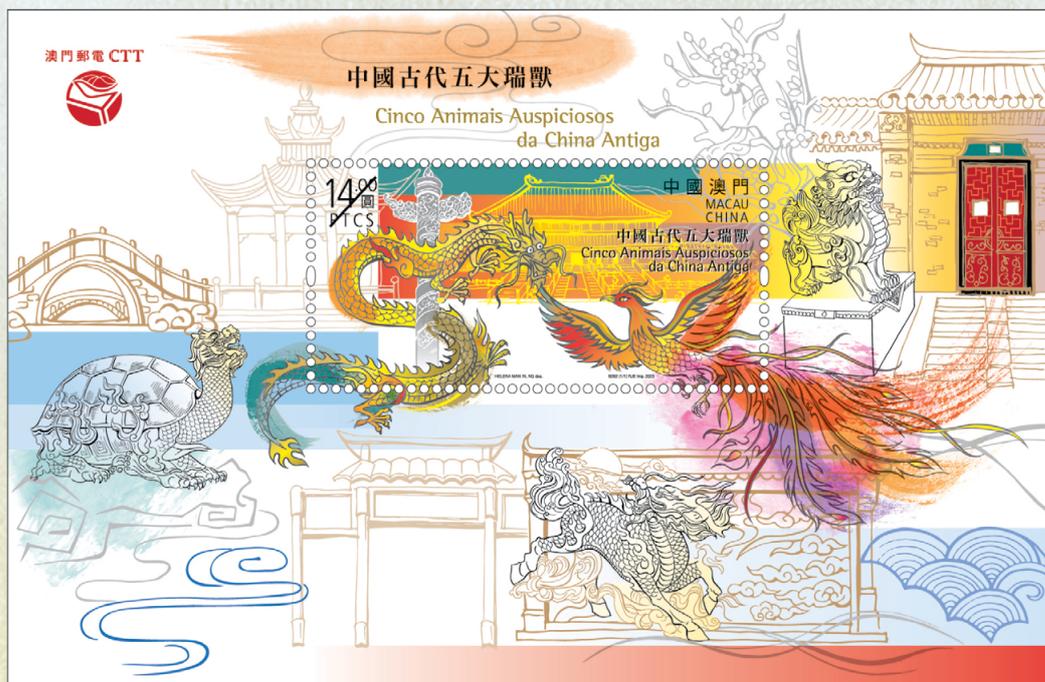


# 收藏

澳門郵票

Coleção Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



06/06/2023

中國古代五大瑞獸  
Cinco Animais Auspiciosos da China Antiga  
Five Auspicious Animals of Ancient China

集郵微信QRcode



快分享到朋友圈  
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT  
Correios e Telecomunicações de Macau



---

# Macau 澳門

## PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau  
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426  
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

## DIRECTORA

Chan Lou

## DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

## EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

---

## PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda  
Avenida da Praia Grande, n.º 763,  
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934  
revistamacau@teampublishing.com.mo  
www.teampublishing.com.mo

## EDITOR

Tiago Azevedo

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

## TIRAGEM

500 exemplares

## IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

## ISSN

0871-004X

---

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

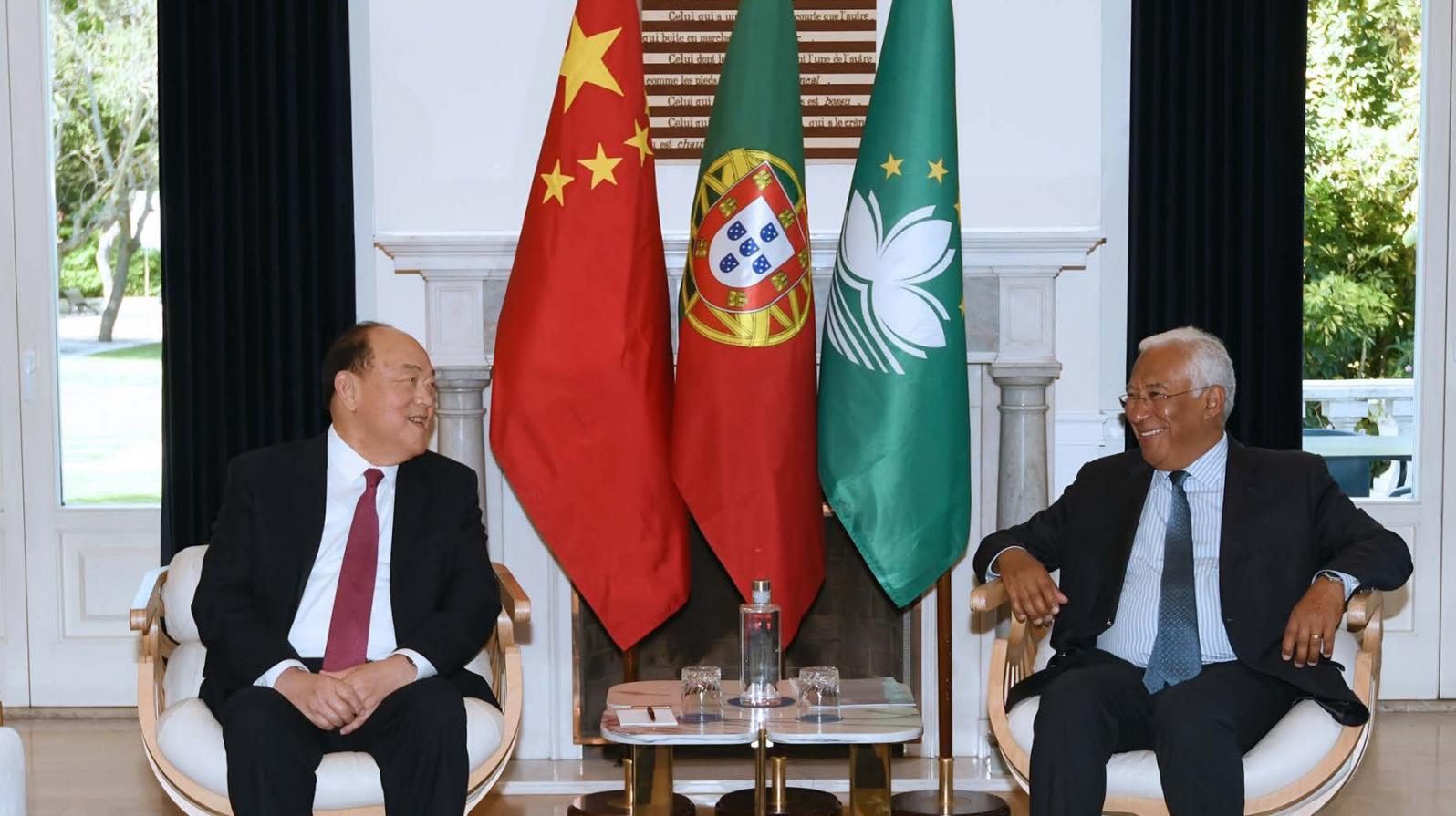
App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



## FORTALECER LAÇOS, APROFUNDAR COOPERAÇÃO ◀8

O Chefe do Executivo visitou Portugal em Abril, naquela que foi a primeira viagem oficial de Ho Iat Seng ao estrangeiro após a pandemia. O reforço das relações e a promoção turística foram alguns dos principais tópicos na agenda



### GESTOS QUE FAZEM A DIFERENÇA ◀14

É através das mãos que formam palavras e constroem frases: a linguagem gestual é o foco de um projecto inclusivo no Colégio Diocesano de São José N.º 5



### CRIAÇÃO DE VALOR PELA INTEGRAÇÃO ◀34

O futuro da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin também passa por uma maior integração financeira com a RAEM



## ENTREVISTA

### CABO VERDE QUER REFORÇAR RELACIONAMENTO COM CHINA ◀40

Novo embaixador do país africano em Pequim, Arlindo do Rosário, afirma que relação com lado chinês potencia o desenvolvimento da nação insular



### Quarenta anos de relações China-Angola ◀46

Numa altura em que Pequim e Luanda celebram quatro décadas de laços diplomáticos, a ambição é elevar a cooperação bilateral a novos patamares



### À conversa com jovens cineastas de Macau ◀56

São vários os obstáculos, mas nenhum faz esmorecer a paixão: três cineastas falam sobre o desenvolvimento do mundo da sétima arte na cidade e os desafios a ultrapassar

## OUTROS TEMAS

22 ▶ MACAU LANÇA-SE NA AVENTURA DO METAVERSO

30 ▶ O-MOON, O FUTURO ANCORADO NA TRADIÇÃO



52 ▶ COMUNIDADE MACAENSE PRONTA PARA NOVOS DESAFIOS E OPORTUNIDADES

64 ▶ VIAGEM PELOS ARQUIVOS DA DIOCESE DE MACAU

70 ▶ FUTEBOL DE FORMAÇÃO: PREPARAR TALENTO PARA LÁ DAS QUATRO LINHAS



## +MACAU

+ 78

As ruas, os campos e a superação de Manuel Silvério



+ 83

Tam Kwok Fung e o sabor das origens no saber criativo



+ 86

Roteiro





Conferência Comemorativa do 30.º Aniversário da Promulgação da Lei Básica

# RAEM celebra 30 anos de Lei Básica

Macau assinalou em Março o 30.º aniversário da promulgação da Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) da República Popular da China. Para marcar a data, foram organizadas uma conferência e uma exposição (ler mais sobre a exposição na página 86).

Para a conferência, foi convidado o membro do Politburo do Comité Central do Partido Comunista da China e Vice-Presidente do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional (APN), Li Hongzhong. O responsável salientou que a implementação efectiva da Lei Básica tem um importante significado no seio da prática do princípio “Um País, dois sistemas”.

Já o Chefe do Executivo de Macau, Ho Iat Seng, disse no seu discurso que o Governo da RAEM tem defendido firmemente a ordem constitucional estabelecida pela Constituição da República Popular da China e pela Lei Básica. Segundo acrescentou, as autoridades locais têm persistido no princípio da governação segundo a lei e no aperfeiçoamento contínuo do sistema jurídico da RAEM.

A Lei Básica de Macau foi aprovada a 31 de Março de 1993 pela APN e foi promulgada no mesmo dia. Entrou em vigor a 20 de Dezembro de 1999, com o estabelecimento da RAEM.

## Governo empenhado em apoiar emprego

O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, afirmou, em Abril, que é expectável que a recuperação gradual da economia local contribua para um aumento dos salários da população, assim como para um desenvolvimento positivo do mercado de emprego. Em paralelo, o Governo irá esforçar-se para aumentar o apoio aos idosos na área dos cuidados médicos, bem como para lançar medidas de incentivo à natalidade.

As declarações do Chefe do Executivo foram feitas durante uma reunião plenária da Assembleia Legislativa dedicada a perguntas dos deputados. Na ocasião, Ho Iat Seng respondeu a questões colocadas por 31 deputados, cobrindo um vasto leque de temas como a diversificação adequada da economia, educação, segurança social e reforma da administração pública, entre outros.



Chefe do Executivo, Ho Iat Seng

## Papel do Fórum de Macau enaltecido

© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) – também conhecido como Fórum de Macau – celebrou em Março o seu 20.º aniversário. A data foi assinalada com uma recepção comemorativa.

Durante a ocasião, o Secretário-Geral do Secretariado Permanente do Fórum de Macau, Ji Xianzheng, afirmou que o organismo tem

desempenhado um papel insubstituível no fomento do intercâmbio e cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, bem como no posicionamento de Macau enquanto plataforma sino-lusófona.

Estabelecido em 2003, o Fórum de Macau é um mecanismo multilateral de cooperação intergovernamental entre a China e os países de língua portuguesa, centrado no desenvolvimento económico e comercial.

PLATAFORMA

## 260 milhões

Número de transacções realizadas no ano passado em Macau através de pagamentos móveis, tendo o valor total ascendido a 26 mil milhões de patacas, um novo recorde



NÚMERO

## Comprar online cada vez mais normal

Utilizadores de internet que efectuaram compras online



FONTE: DSEC

A população de Macau está cada vez mais confortável em utilizar a internet para adquirir bens e serviços. No ano passado, mais de 200 mil utilizadores locais de internet fizeram compras online, valor que duplicou em apenas quatro anos.

GRÁFICO



**“O Governo da RAEM irá (...) criar um sistema de ensino superior mais competitivo a nível regional”**

AO IEONG U

SECRETÁRIA PARA OS ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA

Discurso durante a cerimónia de celebração do 23.º aniversário da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau e atribuição do grau de Doutor Honoris Causa

FRASE



## Promover a segurança nacional

O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, inaugurou a 15 de Abril a edição de 2023 da “Exposição sobre a Educação da Segurança Nacional”. A mostra, no Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, está patente até 15 de Maio, reunindo mais de 350 fotografias e vários vídeos. ▲ FOTO © GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



## Campeões da Guia em cera

O Museu do Grande Prémio de Macau conta agora com estátuas de cera de oito pilotos de renome internacional que correram no circuito da Guia, fruto de uma parceria com o Museu de Cera de Hong Kong da Madame Tussauds. As novas atracções foram inauguradas no dia 27 de Março: o evento contou com a participação dos pilotos Robert Huff e Michael Rutter (na foto), dois dos campeões agora imortalizados em cera. ▲ FOTO © DST

## Sentir Macau na Grande Baía

A Direcção dos Serviços de Turismo completou em Abril uma campanha itinerante de promoção de rua pelas nove cidades do Interior da China que integram a Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. A campanha “Sentir Macau, Sem Limites” atraiu mais de 2,82 milhões de participantes, com o objectivo de promover a diversidade turística do território. ▲ FOTO © DST



VIAGEM A PORTUGAL

# Novo capítulo

“Frutuosa” e com “resultados notáveis”: é este o balanço do Chefe do Executivo da sua visita de quatro dias a Portugal. Segundo Ho Iat Seng, a iniciativa abriu “uma nova perspectiva de amizade e cooperação” entre Macau e Portugal



Durante a visita a Portugal, Ho Iat Seng reuniu-se com o Presidente português, Marcelo Rebelo de Sousa

Texto | Emanuel Graça

**S**ORRISOS rasgados, abraços apertados e, acima de tudo, o relançar da ligação entre Macau e Portugal, após um período de maior estagnação fruto das limitações causadas pela pandemia da COVID-19. O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, trouxe a bagagem repleta de ambição renovada no regresso da sua viagem a Portugal, cumprindo o tríptico de objetivos a que se havia proposto ainda antes de sair de Macau: reforço das relações bilaterais, aprofundamento da cooperação e exploração de novas oportunidades de colaboração.

“Tinha de ser Portugal”, disse Ho Iat Seng ao Presidente português, Marcelo Rebelo de Sousa, a propósito da escolha do país para a sua primeira visita ao exterior após a pandemia. À partida de Macau, o Chefe do Executivo já tinha afirmado que a opção era uma demonstração clara da grande importância dada pelo Governo à relação entre a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e Portugal e ao desempenho do papel do território no apoio do intercâmbio e cooperação entre a China e Portugal.

Do lado português, a visita do líder da RAEM teve como um dos momentos mais simbólicos a atribuição a Ho Iat Seng da Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique da República Portuguesa. A distinção, atribuída ao Chefe do Executivo por Marcelo Rebelo de Sousa, premeia “quem houver prestado serviços relevantes a Portugal, no país e no estrangeiro, assim como serviços na expansão da cultura portuguesa ou para conhecimento de Portugal, da sua história e dos seus valores”.

### Grande potencialidade

Durante a visita de quatro dias, que terminou a 22 de Abril e se concentrou na capital portuguesa, Lisboa, Ho Iat Seng manteve uma agenda repleta de encontros oficiais com as autoridades lusas. Além de ter sido recebido por Marcelo Rebelo de Sousa, o Chefe do Executivo esteve ainda reunido com o Primeiro-Ministro, António Costa, e com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, João Gomes Cravinho, bem como com o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Moedas. Além disso,

© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



O Chefe do Executivo foi recebido pelo Primeiro-Ministro português, António Costa, na sua residência oficial

A actividade promocional “Sentir Macau Sem Limites – Promoção de Macau em Lisboa” durou cerca de uma semana



## Sentir o pulsar de Macau no coração de Lisboa

COINCIDINDO com a visita do Chefe do Executivo a Portugal, a Direcção dos Serviços de Turismo organizou uma actividade promocional da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) em plena Praça do Comércio, na zona histórica de Lisboa. A iniciativa “Sentir Macau Sem Limites – Promoção de Macau em Lisboa” decorreu entre os dias 15 e 22 de Abril e tratou-se da primeira promoção turística da RAEM na Europa após a pandemia da COVID-19. O evento teve como objectivo apresentar as mais recentes novidades de Macau a nível turístico não só junto da população portuguesa, mas também de turistas em visita à capital lusa, em mais um passo para atrair mais visitantes internacionais para Macau e promover a recuperação do turismo

e da economia do território.

A promoção contou com expositores da Direcção dos Serviços de Turismo, bem como do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau e do Instituto Cultural. A estas entidades associaram-se as seis operadoras de resorts integrados da RAEM, que promoveram em Lisboa as suas ofertas não jogo. A campanha contou ainda com um espectáculo de “vídeo mapping” promovendo o turismo de Macau, projectado quatro vezes por dia em edifícios históricos da Praça do Comércio.

Também em paralelo com a visita do Chefe do Executivo a Portugal, foi inaugurada a exposição “Viagens de Luz: Aquarelas da Paisagem de Macau na Colecção do Museu de Arte de Macau”. Organizada pelo

Instituto Cultural da RAEM e pelo Centro Científico e Cultural de Macau do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal, a mostra apresenta 50 aquarelas de 17 artistas de Macau. Está patente até 11 de Agosto no Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa, e a entrada é gratuita.

Houve ainda outras iniciativas em Portugal de entidades da RAEM coincidindo com a visita do Chefe do Executivo a Lisboa. A Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude, por exemplo, organizou uma delegação ao país europeu, onde manteve encontros com instituições de ensino superior e uma escola secundária pública locais, para discutir iniciativas na área da cooperação educativa. ▲

Ho Iat Seng visitou também a Embaixada da República Popular da China em Lisboa, onde se encontrou com o embaixador Zhao Bentang.

O Chefe do Executivo deslocou-se a Portugal à frente de uma delegação governamental que incluiu ainda o Secretário para a Economia e Finanças, Lei Wai Nong, e o Secretário para os Transportes e Obras Públicas, Raimundo do Rosário. A estes, juntou-se uma comitiva empresarial de Macau, incluindo também representantes governamentais e empresários da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin – a divulgação, junto do público e governantes portugueses, da Zona de Cooperação Aprofundada e das oportunidades aí existentes esteve entre as prioridades da delegação da RAEM.

“Macau e Portugal têm uma base sólida de cooperação e com grande potencialidade”, afirmou Ho Iat Seng durante uma recepção oferecida pelo Governo da RAEM em Lisboa. “No decurso desta nossa visita, fomos recebidos calorosamente em Portugal, pelo Governo, por dirigentes e individualidades dos diversos sectores. Sentimos plenamente o carinho e a amizade de Portugal para connosco”, acrescentou, incentivando ambas as partes a reforçar o intercâmbio e cooperação bilateral, “em prol de um maior desenvolvimento comum e um futuro melhor”.

© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



A delegação da RAEM manteve também um encontro com o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, João Gomes Cravinho

Passos concretos nesse sentido podem ser dados já em breve. Durante a visita a Portugal, foi confirmada pelo Chefe do Executivo a realização da próxima reunião da Comissão Mista Macau-Portugal, a ter lugar na RAEM. Ho Iat Seng sublinhou também que as autoridades de Macau estão empenhadas na organização, em formato presencial, da próxima Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que deverá decorrer algures entre a segunda metade deste ano e 2024. A esse respeito, o governante referiu que irá convidar Portugal a enviar uma delegação oficial a Macau, após a confirmação da realização do evento.

### Diversificação e cooperação

Do lado económico, a visita a Portugal ficou marcada pela promoção da estratégia de diversificação adequada “1+4” seguida pela RAEM. A política visa promover um desenvolvimento diferenciado dos sectores do turismo e lazer, ao mesmo tempo identificando quatro indústrias emergentes de desenvolvimento prioritário: o sector da “big health”, a indústria financeira moderna, a indústria de tecnologia de ponta, e a área das indústrias de convenções, exposições, comércio, cultura e desporto.

A propósito do sector da “big health”, o Chefe do Executivo visitou o centro de investigação na área da saúde da Fundação Champalimaud, um dos mais avançados de Portugal. Já no campo da indústria financeira moderna, Ho Iat Seng reuniu-se com o presidente da comissão executiva do grupo Caixa Geral de Depósitos, entidade que detém o Banco Nacional Ultramarino (BNU): no encontro com Paulo Macedo, o Chefe do Executivo referiu que a indústria financeira é um pilar importante para o progresso económico de Macau, fazendo votos de que a Caixa Geral de Depósitos e o BNU, enquanto representação na RAEM do grupo, continuem a apoiar o desenvolvimento do sector.

Paralelamente à visita de Ho Iat Seng à capital portuguesa, a delegação empresarial de Macau, juntamente com representantes da Zona de Cooperação Aprofundada,

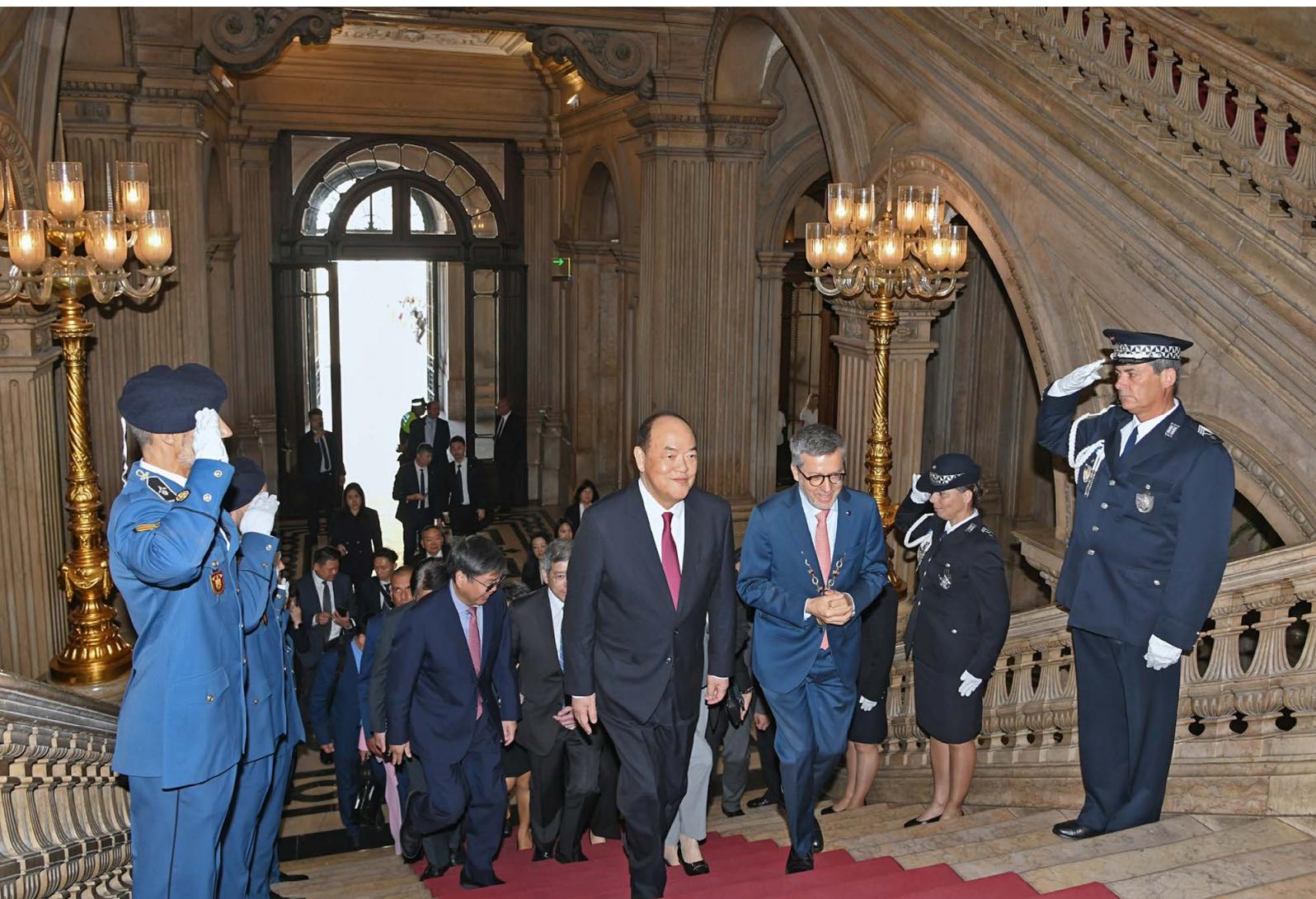
deslocou-se ao Porto, no norte do país, de 21 a 22 de Abril. A delegação, liderada pelo Secretário Lei Wai Nong, visitou empresas e projectos locais, tendo também participado em actividades de intercâmbio com o objectivo de promover o investimento em Macau e Hengqin.

### Investimento e turismo

Um dos destaques a nível empresarial da visita do Chefe do Executivo a Lisboa foi a realização do “Seminário de Promoção sobre Investimento e Turismo

Macau–Portugal”. O evento foi co-organizado pela AICEP Portugal Global - Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, pelo Turismo de Portugal, pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) e pela Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM.

Ao discursar no seminário, o Secretário para a Economia e Finanças de Macau sublinhou que “Macau e Portugal têm uma profunda ligação histórica, com uma comunidade portuguesa alargada e estabelecida em Macau ao longo dos anos, representando uma base



O Chefe do Executivo durante a sua visita à Câmara Municipal de Lisboa, acompanhado pelo respectivo autarca, Carlos Moedas

de cooperação sólida e contribuindo para o reforço contínuo do intercâmbio económico, comercial e cultural”. Lei Wai Nong referiu ainda que as autoridades da RAEM estão empenhadas em promover “um melhor ambiente de negócios para que os investidores estrangeiros interessados em entrar no mercado chinês utilizem Macau e a zona de Hengqin como ponto de partida para explorar o vasto mercado do Interior da China, com uma população de 1,4 mil milhões de habitantes”.

Por seu lado, o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Portugal, Francisco André, também presente no evento, afirmou ser bem-vindo o investimento das empresas de Macau em Portugal. O governante português acrescentou que há novas oportunidades de cooperação a explorar, nomeadamente nas energias renováveis, economia sustentável e indústria da saúde, bem como na área do turismo, especialmente no campo do património cultural.

No evento, foram assinados um memorando de cooperação entre a AICEP Portugal Global e o IPIM, bem como um acordo de cooperação empresarial entre a Associação de Comerciantes e Industriais Luso-Chinesa e a Associação Comercial de Macau. O seminário contou com sessões de bolsas de contactos entre empresários de Macau e representantes de empresas portuguesas.

Na visita a Portugal, o Chefe do Executivo reuniu ainda com o secretário-geral da Organização Mundial do Turismo (OMT), Zurab Pololikashvili, com quem trocou impressões sobre o desenvolvimento sustentável do sector turístico a nível mundial e a diversificação da oferta turística em Macau. O encontro decorreu antes da OMT e o Fórum de Economia de Turismo Global, com base em Macau, terem assinado em Lisboa um acordo-quadro de colaboração elevada.

Na passagem pela capital portuguesa, Ho Iat Seng fez também questão de se encontrar com estudantes provenientes da RAEM que frequentam cursos superiores em universidades lusas. A olhar o futuro e já com resultados positivos da visita a Lisboa garantidos, o Chefe do Executivo foi claro: estará nas mãos da nova geração de jovens de Macau escrever os capítulos vindouros da cooperação bilateral com Portugal. ▲



© GCS

## Ver para aprender com parceiros europeus

**C**ONCLUÍDO o programa da visita a Portugal, a delegação do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) rumou ao Luxemburgo e, depois, à Bélgica. Na segunda parte do périplo europeu, a agenda oficial do Chefe do Executivo incluiu encontros com o Primeiro-Ministro luxemburguês, Xavier Bettel, e com o Vice-Primeiro-Ministro e também Ministro da Economia e do Trabalho da Bélgica, Pierre-Yves Dermagne, bem como visitas às instalações da União Europeia e às respectivas embaixadas da China naqueles dois países.

De acordo com Ho Iat Seng, os exemplos de sucesso do Luxemburgo e da Bélgica em campos como a área financeira, inovação tecnológica e infra-estruturas merecem ser alvo de análise, de estudo e de aprendizagem por parte de Macau, de forma a ajudar à diversificação económica e desenvolvimento sustentável do território. O Chefe do Executivo sublinhou em particular o papel da bolsa do Luxemburgo, que visitou durante a sua deslocação ao país (foto), como maior mercado secundário mundial de obrigações, sendo esta uma área que a RAEM pretende desenvolver no âmbito da sua estratégia de diversificação económica adequada “1+4”. ▲

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA

# Falar pelas mãos

Há cinco anos que o Colégio Diocesano de São José N.º 5 acolhe um projecto inclusivo de educação bilingue, em que a linguagem oral convive de mãos dadas com a linguagem gestual. Crianças com deficiências auditivas e meninos ouvintes sentam-se lado a lado na mesma sala de aula, para ouvir – e ver – aquilo que os professores lhes têm para ensinar. No final, todos saem a ganhar, garantem os responsáveis do estabelecimento de ensino

Texto | Cherry Chan

**É** MAIS uma manhã normal de aulas no Colégio Diocesano de São José N.º 5, de língua veicular chinesa. Numa das salas, a pequena Lam Hei In faz uma apresentação oral ao resto dos colegas. No entanto, há duas pequenas diferenças em relação à maioria das outras turmas da escola: a acompanhar a apresentação, através de linguagem gestual, está uma educadora; além disso, a aluna – bem como uma mão cheia de colegas – possui uma deficiência auditiva profunda.

Esta é uma prática rotineira para os estudantes que integram as turmas inclusivas do colégio, localizado na zona norte da península de Macau. Desde o ano académico de 2018/2019 que a linguagem gestual se tornou presença habitual na escola, com o lançamento da primeira turma inclusiva bilingue em linguagem oral e gestual, na

altura envolvendo um grupo de alunos do primeiro ano do ensino infantil (vulgarmente conhecido como “K1”).

Actualmente, há um total de cinco turmas do género no colégio, uma por cada ano de escolaridade, até ao segundo ano do ensino primário (vulgo “P2”). Estas incluem estudantes com dificuldades auditivas, que aprendem em conjunto com alunos ouvintes, isto é, que não possuem qualquer problema do foro auditivo.

O programa pretende garantir a inclusão em meio escolar regular de estudantes com deficiências auditivas – para isso, todos os alunos das turmas inclusivas aprendem linguagem gestual, independentemente das suas capacidades auditivas. Combater o preconceito é também um objectivo.

Cada turma é acompanhada por um professor ouvinte, a que se

junta um educador surdo, fluente em linguagem gestual e com formação específica no campo da educação. O programa – que também envolve o Infantário de Nossa Senhora do Carmo, igualmente sob a alçada da Diocese de Macau – visa promover, a partir de uma idade precoce, o desenvolvimento educacional de crianças com deficiências auditivas e estimular os seus processos de aprendizagem. É fruto de uma parceria com o Centro de Linguística Gestual e Estudos Surdos da Universidade Chinesa de Hong Kong, entidade com mais de 15 anos de trabalho realizado na área do bilinguismo inclusivo, com participação em projectos similares na região vizinha.

## Um raio de esperança

Segundo os padrões normais de desenvolvimento de um bebé, por



© CHEONG KAM KA

O programa de ensino inclusivo bilingue do Colégio Diocesano de São José N.º 5 foi lançado no ano académico de 2018/2019

volta dos sete meses de idade, a criança deve ser capaz de usar a sua voz para se relacionar com o ambiente envolvente, balbucian-do. “Até ao oitavo mês isso não aconteceu e comecei a pensar que a situação da Hei In não era normal, pelo que consultei os médi-cos. Mais tarde, confirmou-se que ela era possuidora de deficiência

auditiva profunda”, conta Lam Kit Wa, pai de Lam Hei In, a menina da apresentação. A criança integra actualmente a turma de nível “P2” que faz parte do programa de ensino inclusivo bilingue do Colégio Diocesano de São José N.º 5.

O pai recorda que, após ter sido detectado o problema auditivo da filha, não foi fácil encontrar

recursos ou informação adequados sobre o tema. Quando chegou a altura da pequena Hei In ingressar no ensino infantil, a menina acabou por enfrentar dificuldades, apesar de ter a ajuda de um aparelho auditivo.

“A Hei In repetiu o primeiro ano do jardim de infância quando o esquema de ensino bilingue foi



“**Temos como visão apoiar estes estudantes [com problemas auditivos] de forma a que possam concluir os 15 anos do ensino não superior, possivelmente até chegarem ao ensino universitário**”

**WONG KIN MAN**  
DIRECTOR DO COLÉGIO

lançado” pelo colégio, explica Lam Kit Wa. “Acho que foi bom para ela porque pôde aprender de forma mais apropriada, com um melhor progresso.”

Lam Kit Wa destaca que tem sido emocionante, enquanto progenitor, ver a forma como a filha tem sido capaz de melhorar o seu desempenho académico e adaptar-se a uma vida escolar normal. A menina conseguiu contornar as suas dificuldades ao nível da expressão oral e fala agora chinês de forma inteligível. Essa é uma das mais valias do programa no que toca aos estudantes com problemas de audição: associar o ensino da linguagem oral à aprendizagem da linguagem gestual, de forma simultânea e desde tenra idade. De acordo com vários estudos científicos, esse tipo de modelo educativo estimula o desempenho destas crianças em ambas as vertentes e promove o seu desenvolvimento cerebral.

Tong Lok Tong é outra aluna do nível “P2”, portadora de deficiência auditiva muito grave. O pai, Tong Wai Man, explica como é que a família detectou o problema: “Achámos muito estranho que a Lok Tong não tivesse qualquer reacção ao som de panchões a rebentar, pelo que começámos a fazer exames e avaliações.”

O progenitor admite que o diagnóstico que receberam o deixou inicialmente angustiado. “Estava com muita preocupação: ‘a Lok Tong não consegue ouvir

nada, como é que será a sua vida no futuro?’”, recorda.

O projecto de ensino inclusivo bilingue do colégio marcou uma mudança. “Gradualmente, ganhámos confiança, porque ela está a aprender linguagem gestual e pode frequentar a escola como todas as outras crianças”, afirma o pai. “Acredito que, no futuro, pode ter uma vida brilhante”, acrescenta. E há bons exemplos a seguir: o famoso inventor norte-americano Thomas Edison – criador da lâmpada incandescente – sofria de problemas auditivos graves desde a juventude, algo que, dizia, o ajudava a concentrar. Já em Macau, Hoi Long, nome cimeiro do atletismo local, é portadora de deficiência auditiva: além das muitas vitórias em corridas de longa distância e provas de triatlo, está a concluir um doutoramento em desporto.

### **Visão de longo prazo**

Inicialmente desenvolvido enquanto projecto-piloto, com duração até 2021, o programa de educação bilingue em linguagem oral e gestual do Colégio Diocesano de São José N.º 5 visava acompanhar os alunos envolvidos durante os três anos de escolaridade do ensino infantil, isto é, dos níveis “K1” ao “K3”. “Decidimos alargá-lo de forma gradual, porque temos como visão apoiar estes estudantes de forma a que possam concluir os 15 anos do ensino não superior, possivelmente até chegarem ao ensino universitário”,



A pequena Lam Hei In, portadora de deficiência auditiva profunda, fala agora chinês de forma inteligível, devido ao apoio oferecido pelo programa



Um dos objectivos do colégio é construir um ambiente bilingue abrangendo toda a comunidade escolar



O programa tem vindo a obter, de forma gradual, reconhecimento público

**LEI WAN**  
RESPONSÁVEL PELO  
PROGRAMA DE ENSINO  
INCLUSIVO BILINGUE

explica o director da escola, Wong Kin Man. “O primeiro lote de alunos do programa está agora no segundo ano do ensino primário.”

Na altura do lançamento do programa em 2018, foram aceites cinco crianças com diferentes níveis de deficiência auditiva. Actualmente, a escola possui 26 estudantes com algum tipo de problema auditivo.

Wong Kin Man recorda que, quando o projecto arrancou, havia dúvidas entre os pais e encarregados de educação – particularmente das crianças ouvintes integradas na turma inclusiva – sobre o impacto que o programa poderia ter ao nível dos conteúdos ensinados e do progresso académico dos alunos. Existiam também receios sobre

como poderia decorrer o relacionamento entre os estudantes com problemas auditivos e os colegas ouvintes.

“Em cada ano académico, realizamos uma reunião para explicar a situação e responder às dúvidas dos pais”, explica o director do colégio. “Também mostramos resultados de estudos sobre este tipo de ensino noutros países ou regiões, para que os pais compreendam as vantagens da iniciativa.” De acordo com o director, não são só os estudantes com deficiências auditivas que beneficiam: todos os alunos saem a ganhar, melhorando as suas competências linguísticas e sociais.

A promoção do bilinguismo envolvendo linguagem oral e gestual não se esgota nas salas de aula das



© CHEUNG MAN YU

O programa pretende garantir a inclusão em meio escolar regular de estudantes com deficiências auditivas

turmas que fazem parte do projecto. “Temos actividades extracurriculares em que os estudantes com problemas auditivos interagem não apenas com colegas da mesma turma, mas com alunos de outras turmas”, afirma Wong Kin Man. “Mesmo quando não há um educador de linguagem gestual por perto, estes estudantes integram-se muito bem.”

Passo a passo, o colégio está a construir um ambiente bilingue abrangendo toda a escola. Há várias iniciativas abertas ao resto da comunidade escolar que visam promover a inclusão das pessoas com deficiências auditivas: por exemplo, é organizada anualmente uma Semana Promocional da Cultura Surda e Linguagem Gestual.

Pao Sio Kun, subdirectora do estabelecimento de ensino, enfatiza que, ao longo dos últimos cinco anos, a linguagem gestual tornou-se algo natural no seio do colégio. “Muito do nosso pessoal docente e não docente, bem como alunos que não estão nas turmas de bilinguismo gestual, aprenderam já alguma linguagem gestual”, diz. “Espero que, no futuro, todo o nosso pessoal e estudantes sejam capazes de comunicar usando linguagem gestual básica.”

Antes de avançar com o programa, os dirigentes do colégio realizaram visitas de estudo a estabelecimentos de ensino com turmas inclusivas bilingues e analisaram diversos relatórios sobre este tipo de ensino. O “know-how” nesta área do Centro de Linguística Gestual e

Estudos Surdos da Universidade Chinesa de Hong Kong foi indispensável para a implementação da iniciativa – o centro continua a prestar apoio técnico especializado à escola.

Um dos maiores desafios em lançar o programa consistiu no recrutamento de educadores surdos. “Precisamos que os educadores de linguagem gestual sejam realmente surdos, porque é muito natural que, quando não conseguimos explicar o que queremos usando linguagem gestual, recorramos à fala”, refere Pao Sio Kun. “Os educadores surdos têm uma melhor noção sobre os métodos apropriados nestas situações para ensinar os estudantes com deficiências auditivas.”

A subdirectora do colégio reconhece que a implementação do programa tem sido uma tarefa complexa: é necessário assegurar uma boa comunicação entre os professores e os educadores de linguagem gestual, entre o corpo docente e os pais e encarregados de educação, e entre os vários parceiros envolvidos no projecto. “O processo é difícil, mas é uma forma de educação muito relevante”, sublinha. “Um resultado inesperado do esquema é que, entre a comunidade surda, as pessoas de repente descobriram que existem muitas oportunidades para elas, incluindo tornar-se num educador surdo”, avança Pao Sio Kun.

### **Abraçar a diversidade**

Chio Weng Cheng é mãe de dois filhos ouvintes com experiência



Espero que, no futuro, todo o nosso pessoal e estudantes sejam capazes de comunicar usando linguagem gestual básica

**PAO SIO KUN**  
SUBDIRECTORA  
DO COLÉGIO



No que toca a resultados académicos, não há diferença entre os alunos ouvintes e aqueles com deficiências auditivas

**WONG IN SAN**  
PROFESSORA DE  
TURMA INTEGRADA NO  
PROGRAMA DE ENSINO  
INCLUSIVO BILINGUE

nas turmas inclusivas bilingues do Colégio Diocesano de São José N.º 5. O filho mais velho integrou o segundo lote de estudantes que participaram no projecto, tendo realizado todo o ensino infantil integrado neste tipo de ensino – actualmente, é aluno do primeiro ano do ensino primário na secção inglesa do colégio. Já a filha mais nova ingressou este ano na turma inclusiva bilingue do nível “K1”.

Segundo Chio Weng Cheng, o ensino inclusivo bilingue teve um efeito positivo no desenvolvimento do filho mais velho, tornando-o mais atencioso em relação aos outros – o menino ainda mantém contacto com os antigos colegas. A progenitora admite que, como mãe, também se preocupou inicialmente com a forma como poderia decorrer a comunicação entre os alunos ouvintes e aqueles com problemas auditivos, bem como se esta forma de ensino teria impacto ao nível da avaliação dos estudantes. “Mas, tanto do lado do meu filho como da minha filha, não há qualquer problema a assinalar em relação a isso.”

Com base nos seus quatro anos de envolvimento no projecto, Chio Weng Cheng nota as melhorias que têm vindo a ser introduzidas pela escola ao longo dos anos, para ampliar o apoio disponibilizado a pais e alunos. Por exemplo, o colégio organiza regularmente workshops de linguagem gestual destinados aos encarregados de educação.

Uma das colegas da filha de Chio Weng Cheng na turma inclusiva bilingue de “K1” é Cheong Cheng Cheng. A sua mãe, Cheong Pou Wa, diz que a menina costumava chorar quase todos os dias quando estava na creche, mas agora está feliz por ir para a escola. “Estamos muito satisfeitos por vê-la a dar-se bem com outras crianças”, afirma.

Cheong Pou Wa aprecia a forma como a escola procura envolver os pais na educação inclusiva bilingue. A sua expectativa é que sejam alargadas as oportunidades para que as famílias ouvintes possam aprofundar os seus conhecimentos sobre linguagem gestual e sobre a comunidade surda.

### Progresso passo a passo

Professora da turma do nível “K1” do ensino inclusivo bilingue, Wong In San pensava inicialmente que, durante a aula, o educador de linguagem gestual teria apenas o papel de tradutor. “Na realidade, ambos funcionamos como professores, trabalhamos juntos”, explica.

Outra das coisas que a docente percebeu com o projecto é que “aprender linguagem gestual desde tenra idade é benéfico para as crianças na aprendizagem de outras línguas”. E, com base na sua experiência, diz que, “no que toca a resultados académicos, não há diferença entre os alunos ouvintes e aqueles com deficiências auditivas” envolvidos nas turmas bilingues.



O colégio fica localizado na Rua Central de Toi San, na zona norte da península de Macau

Wong In San revela que, ao trabalhar com crianças muito pequenas – os estudantes do nível “K1” têm entre três e quatro anos –, o mais importante é compreender as necessidades específicas de cada aluno. E isso não é diferente no ensino inclusivo bilingue: “alguns estudantes usam óculos, outros usam aparelhos auditivos”, relativiza. Nesta faixa etária, o essencial mesmo é promover o desenvolvimento da empatia e tolerância mútuas, considera.

Lei Wan é responsável pela orientação do programa de ensino inclusivo bilingue do Colégio Diocesano de São José N.º 5, cooperando com os professores ouvintes e os educadores surdos, nomeadamente em relação às diferentes estratégias de ensino. Antes disso, trabalhou durante vários anos como

intérprete de linguagem gestual.

“A principal dificuldade para mim é que anteriormente ensinava adultos, mas agora tenho que ter em consideração a forma como um adulto deve comunicar com uma criança”, reconhece. “Não é fácil para um adulto explicar um conceito complexo a uma criança ouvinte, e o mesmo acontece com crianças com dificuldades auditivas.”

Lei Wan sublinha que o projecto tem vindo a ser aperfeiçoado ano após ano, com base no conhecimento acumulado. Também ela recorda que, inicialmente, existiam dúvidas por parte dos pais e encarregados de educação dos alunos ouvintes quanto ao potencial impacto do ensino bilingue no progresso académico das crianças. “O programa tem vindo a obter, de forma gradual, reconhecimento público e

agora há menos pais com este tipo de dúvidas”, afirma.

Para o sucesso do projecto, tem sido essencial a cooperação entre professores ouvintes e educadores surdos, considera Lei Wan. É preciso assegurar que ambos os docentes estão familiarizados com os conteúdos a ensinar, e que colaboram para que a aula decorra de forma fluída quer em linguagem oral, quer em linguagem gestual. Por exemplo, a escolha e disposição dos materiais didácticos utilizados é relevante, até porque o uso de acessórios visuais é um importante auxiliar de aprendizagem para alunos com problemas auditivos. “É necessário mais tempo para a preparação das aulas”, sintetiza Lei Wan. Apesar dos desafios, a responsável afigura ter grande esperança de ver o primeiro lote de estudantes com dificuldades auditivas do programa atingir o ensino superior.

O director Wong Kin Man também está convicto dos benefícios da iniciativa. O responsável espera que, através da educação que recebem, os alunos com problemas auditivos possam desenvolver de forma plena as suas capacidades. Além disso, tem a expectativa de que o programa lhes ofereça um sentimento de pertença. “Haverá uma rede entre estes estudantes, que pode funcionar como um apoio social”, afirma. “Quando, no futuro, obtiverem sucesso e outras conquistas, poderão também retribuir à sociedade.” ◀

METAVERSO

# Diversificação numa nova dimensão

Várias empresas tecnológicas de Macau estão apostadas em ajudar a moldar o futuro digital do território, através de projectos ligados ao sector do metaverso, apoiando a diversificação económica da cidade





Texto | Viviana Chan\*

**A**S notícias sucedem-se: cada vez mais empresas de Macau a operar no campo da tecnologia digital estão a ganhar destaque local e regional fruto de projectos inovadores ligados ao metaverso. De acordo com vários empresários e especialistas desta área, o sector pode abrir novas portas de crescimento para o território, elevando a sua competitividade.

O metaverso refere-se a um universo digital paralelo, que funciona como cruzamento entre uma réplica

do mundo real e novos mundos virtuais, permitindo aos indivíduos interagir e socializar entre si, adquirir conhecimento ou ter acesso a experiências de entretenimento, bem como transaccionar e consumir bens e serviços digitais, através de avatares personalizados e de tecnologia “blockchain”. Para concretizar esta visão, são utilizados diferentes formatos como realidade virtual, realidade aumentada e hologramas.

A BoardWare Sistema de Informação Limitada, start-up tecnológica fundada em 2010 em Macau, é uma das empresas locais empenhadas no sector do metaverso. Tal inclui investigação científica ligada a

cenários de imersão no metaverso com recurso a interfaces cérebro-computador – isto é, tecnologias que permitem ao cérebro humano conectar-se e comunicar directamente com dispositivos externos. O grupo desenvolveu já um protótipo não invasivo, para ser utilizado em torno da cabeça. Além disso, a BoardWare – listada no ano passado no mercado principal da bolsa de valores de Hong Kong – está a desenvolver uma plataforma de geração de espaços metaverso, permitindo também a criação e personalização de avatares.

À Revista Macau, Nick Ng Hong Kei, membro executivo do conselho



© DIREITOS RESERVADOS

A start-up tecnológica BoardWare, fundada em Macau, tem em curso projectos ligados ao metaverso

de administração da empresa, considera que existe já uma base óbvia de eventuais clientes locais no âmbito de produtos metaverso, nomeadamente as indústrias do turismo e entretenimento. “Estas tecnologias têm procura no mercado de Macau”, garante.

De acordo com o representante da BoardWare, o metaverso é ainda um “segmento emergente” a nível global. Ainda assim, o investimento necessário para entrar nesta área não é demasiado elevado, visto que recorre, em grande parte, a



Se olharmos para as outras cidades na Grande Baía, quase todas estão na fase inicial de exploração do metaverso

**NICK NG HONG KEI**  
EXECUTIVO DA  
EMPRESA TECNOLÓGICA  
BOARDWARE

tecnologias já existentes, apostando na sua integração. “Se olharmos para as outras cidades na Grande Baía, Hong Kong, Shenzhen, Guangzhou, Zhuhai, quase todas estão na fase inicial de exploração do metaverso”, refere Nick Ng. Nesse contexto, o empresário acredita que há bastante potencial de investimento para Macau.

### Universo em construção

O metaverso expande o conceito convencional de realidade virtual, ligado tradicionalmente a ambientes digitais fechados e com funcionalidades limitadas. Ambiciona-se a criação de um universo digital aberto, partilhado e imersivo, que possa ser acessível a todos – ainda que, na fase actual, o que exista sejam vários universos separados entre si, visto que não há uma plataforma unificada, mas sim várias, disponibilizando acesso a experiências metaverso: Decentraland, Upland, Sandbox ou Horizon Worlds estão entre as mais conhecidas. Daí que a interoperabilidade entre sistemas operativos seja uma das grandes questões ligadas ao desenvolvimento do metaverso.

Visto por muitos como parte da transformação “Web 3.0” rumo a uma internet multidimensional, o metaverso procura formas de digitalizar e virtualizar o mundo real, expandindo-o. As estimativas são que, no futuro, seja responsável por movimentar muitos milhões: segundo um estudo da consultora McKinsey

& Company, divulgado em Junho do ano passado, o metaverso pode representar um mercado global de cinco biliões de dólares americanos em 2030, com a maior oportunidade de negócio ligada ao e-commerce, potencialmente responsável por uma fatia de até metade desse valor. Mas existem outras indústrias que devem beneficiar, desde o ensino universitário virtual até à publicidade e ao “gaming”.

A aposta empresarial no metaverso encontra respaldo no âmbito da estratégia governamental “1+4” de diversificação adequada da economia de Macau, em que o sector tecnológico de ponta é uma das quatro indústrias de desenvolvimento prioritário, em paralelo com as áreas da “big health”, da indústria financeira moderna, e das convenções, exposições, comércio, cultura e desporto, apoiadas no sector basilar do turismo e lazer. De acordo com o discurso do Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, de apresentação do “Relatório das Linhas de Acção Governativa para o Ano Financeiro de 2023”, proferido em Novembro, um dos objectivos da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) para o corrente ano é dar início à “angariação de investimento para a indústria de metaverso” e ao aceleração da “implantação de cenários relativos a esta indústria e a aglomeração de empresas desta indústria”.

Nick Ng, da BoardWare, concorda com a visão do Governo. O responsável defende que a pandemia

da COVID-19 serviu como lição sobre a importância de “investir em indústrias que demonstrem maior resiliência” face à adversidade.

“O sector da tecnologia é muito abrangente e engloba diversas subáreas, algumas das quais bastante complexas”, diz. “Como Macau não possui muito espaço, nem muita mão-de-obra local disponível, é preciso escolher subáreas que possam ser uma boa opção para ganhar uma posição de liderança face à concorrência.”

O responsável sublinha que, para ter sucesso, a cidade necessita de “ser mais competitiva” no que toca a atrair talento. Nick Ng dá o exemplo de Hong Kong que, em Dezembro do ano passado, lançou um novo programa de atracção de recursos humanos qualificados. Por outro lado, afirma, é preciso crescer em dimensão industrial. “Apesar de Hengqin possuir uma área maior”, que passou a ficar disponível para apoiar o desenvolvimento de Macau, no âmbito do projecto da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, é preciso canalizar mais recursos para o sector da tecnologia, considera o representante da BoardWare, empresa que está também envolvida na exposição “Visitando as Ruínas de S. Paulo no Espaço e no Tempo – Exposição de Realidade Virtual nas Ruínas de S. Paulo”, organizada pelo Instituto Cultural de Macau e que emprega um conjunto de tecnologias avançadas, desde modelação tridimensional



A sua cultura e turismo tornam Macau uma excelente base para criar conteúdos metaverso

**KAMMY CHEONG  
KA MAN**  
DIRECTOR DA START-UP  
DE TECNOLOGIA DIGITAL  
BARRA STUDIO

a realidade virtual e realidade aumentada.

Para apoiar o desenvolvimento de iniciativas metaverso, as autoridades de Hengqin anunciaram, em Julho do ano passado, planos para desenvolver na ilha um “Supercampo de Testes para o Metaverso”. Situado no complexo Chimelong International Ocean Resort, inclui um espaço de exposição de tecnologias digitais com uma área total de 3000 metros quadrados. O projecto é fruto de uma cooperação com o Chimelong Group Co., Ltd., um dos

principais conglomerados chineses no sector do turismo.

Foi criado ainda um departamento ligado à promoção do metaverso no seio da Zona de Cooperação Aprofundada. O director, Liu Yang, diz esperar que o “Supercampo de Testes para o Metaverso” possa ajudar a elevar a competitividade de Macau e Hengqin neste sector, servindo igualmente para atrair projectos inovadores e talento jovem.

### Interesse aumentado

O Barra Studio é outra start-up local a operar no campo da tecnologia digital. A empresa – que tem vindo a especializar-se na criação de conteúdos através da utilização de tecnologias de realidade aumentada – olha também com interesse para o sector do metaverso.

Kammy Cheong Ka Man, director e um dos fundadores, afirma que, “embora Macau não seja uma cidade particularmente competitiva no campo da tecnologia, a sua cultura e turismo tornam-na uma excelente base para criar conteúdos metaverso”. Segundo observa, o mercado local no campo da tecnologia digital tem crescido bastante. “Quando fundámos a empresa em 2017, tínhamos previsto um crescimento da procura de serviços de realidade aumentada em Macau, mas, na verdade, essa procura foi maior do que esperávamos”, reconhece. “No final de 2022, a utilização de tecnologias de realidade



O protótipo “Mini-Macau” foi um dos primeiros projectos metaverso associados à RAEM a obter destaque mediático

aumentada era já muito comum em Macau.”

O Barra Studio tem estado envolvido na criação de conteúdos de realidade aumentada para várias iniciativas do Governo visando atrair mais turistas ao território, incluindo os eventos especiais “Arraial na Ervanários”, “Arraial na Taipa” e “Arraial em Coloane”. Através de aplicações para smartphone, os utilizadores podem ter acesso a elementos virtuais, que são sobrepostos à visão normal da realidade, e com os quais é possível interagir, de forma a tornar a experiência turística mais divertida e interactiva. De acordo com Kammy Cheong, este tipo de acção de marketing está a demonstrar ter efeitos económicos positivos, o que, na sua opinião, justifica a sua adopção por parte de outras indústrias,

como o sector das convenções e exposições ou a restauração.

### Da hotelaria ao retalho

Um dos primeiros projectos metaverso associados a Macau a ganhar relevo mediático foi concebido pela Asia Pioneer Entertainment Holdings Ltd. A empresa local, com raízes no sector do fornecimento de equipamento de jogo, lançou em Junho do ano passado aquela que foi então apresentada como “uma experiência no metaverso para turistas digitais poderem explorar de forma virtual” algumas das principais atracções turísticas de Macau, como o Largo do Senado, as Ruínas de São Paulo ou o Templo de A-Má.

O protótipo – chamado “Mini-Macau” – recorreu à plataforma Sandbox. Um conjunto de marcas



O desenvolvimento do metaverso e da inteligência artificial vai beneficiar a diversificação económica

**THOMAS  
AO KA SENG**  
PRESIDENTE  
DA ASSOCIAÇÃO  
DA INDÚSTRIA  
DO METAVERSO

locais – incluindo a pastelaria Choi Heong Yuen, a joalheria Seng Fung e o restaurante O Junco de 9 Jades – associou-se ao projecto, abrindo lojas virtuais no “Mini-Macau”.

Em Julho, a Asia Pioneer Entertainment, empresa listada em Hong Kong, publicou um relatório sobre as oportunidades disponíveis no sector do metaverso para a indústria hoteleira e de resorts. O texto propõe a utilização do metaverso como uma nova plataforma de marketing para hotéis e complexos turísticos, permitindo aos seus clientes explorar as propriedades de forma digital, com o objectivo final de convertê-los em utilizadores das unidades físicas.

A moda tem sido uma das indústrias a agarrar as oportunidades abertas pelo metaverso. Já existem diversas cadeias internacionais de

retalho com lojas no metaverso, bem como com colecções de moda virtual, a que se somam desfiles e até mesmo semanas da moda no metaverso. A tendência não passa ao lado da RAEM: até dia 28 de Maio, está patente na Galeria de Moda de Macau a exposição “Para Além dos Limites: A Fronteira entre o Virtual e a Realidade”, que combina a apresentação de moda virtual com roupas produzidas através de impressão 3D e com experiências virtuais de realidade aumentada, mostrando obras criadas por designers provenientes de Macau, Guangzhou, Shenzhen e Hong Kong.

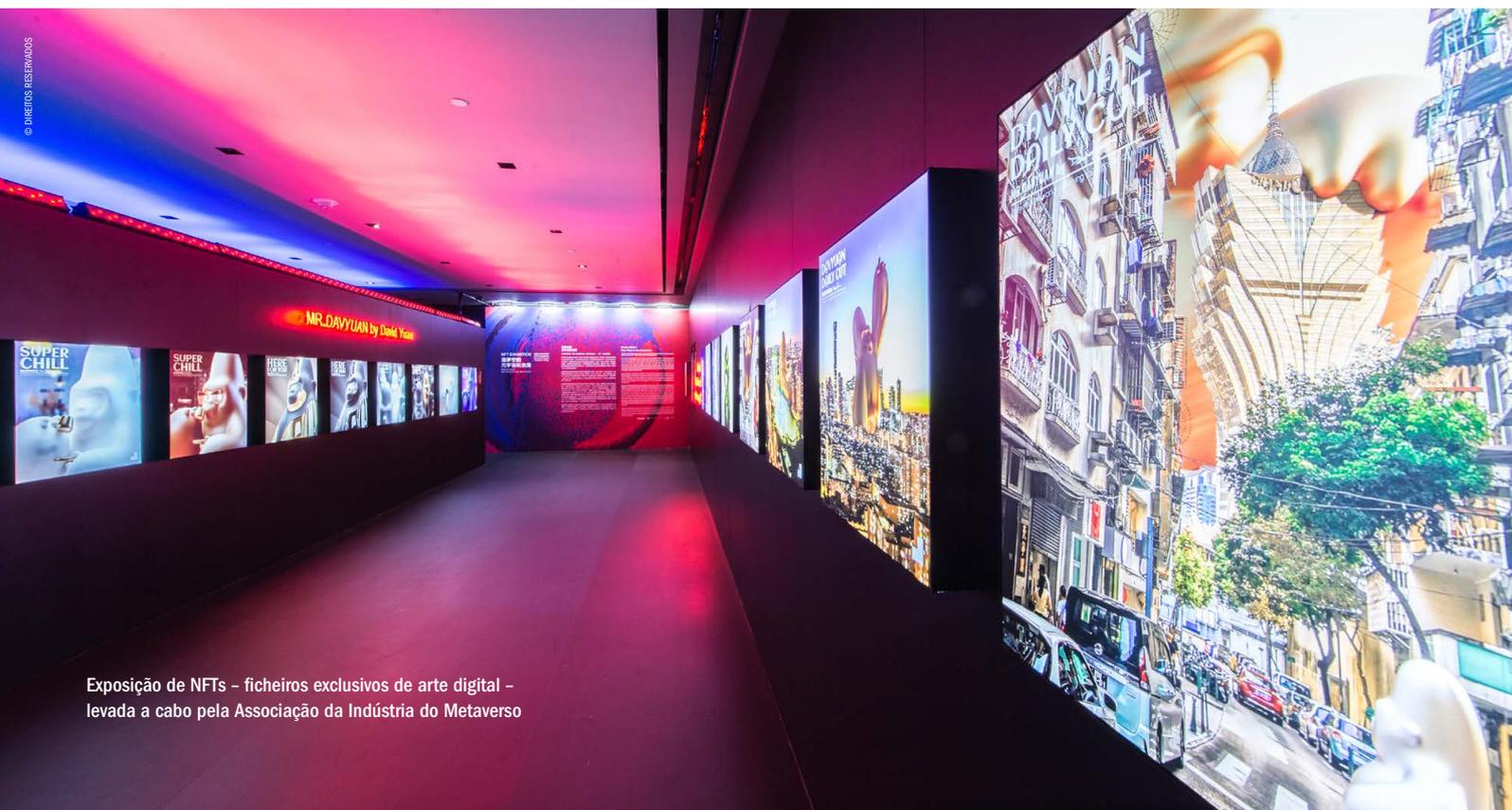
A pandemia da COVID-19 e as respectivas limitações ao nível das viagens internacionais estimularam a entrada em força do sector das exposições no metaverso. Macau, mais uma vez, não ficou de

fora: a edição do ano passado da “Beyond Expo”, a maior exposição internacional de inovação científica e tecnológica na RAEM, teve lugar em formato metaverso.

O sector universitário do território também possui em curso projectos ligados ao metaverso. Em Novembro do ano passado, a Universidade de Macau lançou uma plataforma no metaverso para investigação e desenvolvimento de tecnologias de condução autónoma, a qual permite a superimposição de veículos de condução autónoma reais em cenários simulados.

### Criar uma comunidade

São já várias as associações em Macau ligadas ao metaverso. Só no ano passado, foram criadas pelo menos quatro. Uma delas foi a Associação



Exposição de NFTs – ficheiros exclusivos de arte digital – levada a cabo pela Associação da Indústria do Metaverso

da Indústria do Metaverso, cuja direcção é composta por investidores no sector do metaverso e elementos ligados aos desportos electrónicos, e que foi estabelecida em Março de 2022. Desde então, a organização trouxe ao território vários projectos, incluindo exposições apresentando ficheiros exclusivos de arte digital, recorrendo a NFTs (“tokens” não fungíveis assentes em tecnologia “blockchain”). Em declarações à Revista Macau, o fundador e presidente da associação, Thomas Ao Ka Seng, partilha a sua visão sobre o sector do metaverso, indicando que este universo se destina particularmente a criadores



O metaverso terá um papel muito importante na era pós-pandemia

**MIAO LI**  
DIRECTORA  
DO DEPARTAMENTO DE  
GESTÃO DE RESORTS  
INTEGRADOS E TURISMO  
DA UNIVERSIDADE  
DE MACAU

e consumidores da denominada “Geração Z”, isto é, nascidos entre meados da década de 1990 e 2010. É nesta faixa etária, afirma, que se deve focar a formação de talentos e também a atracção de quadros qualificados do exterior.

O responsável refere que a sua associação tem planos para apoiar o desenvolvimento do metaverso em Macau e estimular a educação do público sobre o tema. “O objectivo é criar uma comunidade local ligada ao metaverso, para unir pessoas com ideias similares”, diz.

Thomas Ao, empresário que começou a investir em tecnologias “Web 3.0” em 2012, concorda com a visão de associar o desenvolvimento do metaverso em Macau à indústria local predominante, o turismo e lazer. “Na parte de implementação, as tecnologias de realidade aumentada e realidade virtual podem criar experiências imersivas para diversificar os produtos turísticos de Macau”, refere. Segundo o empresário, o metaverso pode ser utilizado por sectores industriais tradicionais de duas formas: para a criação de novas ofertas virtuais ou para efeitos de promoção e marketing de ofertas já existentes no mundo real.

Thomas Ao, também fundador da empresa de investimento Mindfulness Capital, está convicto de que “o desenvolvimento do metaverso e da inteligência artificial vai beneficiar a diversificação económica” de Macau. “Em termos de criadores de software, criadores de conteúdos,

artistas, estúdios, diferentes comunidades, todos podem enriquecer a indústria de Macau”, afirma.

Quanto ao apoio de Hengqin e do “Supercampo de Testes para o Metaverso” aí em criação, vê nisso uma vantagem para a RAEM. “Pode ser construtivo para unir recursos e ser um chamariz para a entrada de empresas”, defende Thomas Ao.

Após o impacto negativo da COVID-19, o metaverso é a nova oportunidade a agarrar, nota Miao Li, directora do Departamento de Gestão de Resorts Integrados e Turismo da Universidade de Macau. A académica é uma defensora do potencial do metaverso, especialmente no que toca ao turismo, como factor de oferta de experiências diferenciadoras.

Durante um simpósio realizado em Fevereiro pela Universidade de Macau, Miao Li apresentou diversas possibilidades de utilização do metaverso em Macau. A académica sugeriu a criação de hotéis e lojas virtuais, propondo encarar o turismo no metaverso como um sistema integrado, ligando versões virtuais de todos os monumentos de Macau, de forma a tornar a experiência turística mais divertida. Tal poderia inclusive funcionar como um mapa tridimensional da cidade, algo eventualmente popular entre os visitantes. “A procura dos turistas está a diversificar-se, as experiências imersivas e ampliadas são apreciadas”, defende, acrescentando que, por isso, “o metaverso terá um papel muito importante na era pós-pandemia”. ▲\* com Emanuel Graça

## MARCA DE MACAU

# O-Moon: dar espaço à criatividade

É uma história de sobressaltos. É assim que Seng Ng, o proprietário, descreve o percurso da O-Moon, uma marca que incorpora um pedaço de Macau em todos os seus artigos de design. Dos primeiros anos de sucesso ao período da pandemia, a O-Moon está de pedra e cal em Macau, mas já olha além-fronteiras

Texto | Tony Lai

Fotografia | Cheong Kam Ka

**P**ARA muitos turistas, os bolinhos de amêndoa, os pastéis de nata e outras iguarias são as lembranças que carregam na mala, de volta a casa, depois de visitarem Macau. Mas a oferta de produtos únicos do território já vai bastante além da gastronomia, muito devido ao desenvolvimento das indústrias culturais e criativas locais.

Fundada em 2016, a marca O-Moon é hoje sinónimo da veia cultural da cidade, com artesanato

e outras peças cuja inspiração vai beber às tradições de Macau. O conceito é simples: criar produtos que as pessoas não podem encontrar noutra lado, com uma identidade muito própria e características únicas, explica Seng Ng, proprietário da marca e director de operações.

A empresa conta actualmente com três lojas no território e oferece uma vasta gama de produtos – práticos e de uso diário – desenhados com motivos de Macau, incluindo artigos de

papelaria, de cabedal, t-shirts e produtos para a casa.

## Ou Mun, O-Moon

“A criação da O-Moon teve como objectivo colmatar a escassez de outro tipo de lembranças com características próprias no mercado local, que era muito focado em produtos gastronómicos”, conta Seng Ng à Revista Macau.

Para se afirmar no mercado e promover as características locais,





Os produtos e acessórios da O-Moon têm como inspiração elementos tradicionais de Macau

a O-Moon decidiu dar um toque de Macau em quase todos os seus produtos. Desde logo, o nome é uma palavra homófona de “Macau” em cantonês, Ou Mun. As cores azul e branco são os grandes toques visuais da marca, inspirados nos azulejos portugueses e na porcelana chinesa, uma vez que Macau é uma cidade onde o Oriente encontra o Ocidente. Azulejos e outros motivos de Macau, como a flor de lótus, prevalecem igualmente no design dos seus produtos.

“Também criámos locais específicos nas nossas lojas para atrair clientes, que podem simplesmente vir e tirar fotos sem comprar nada”, diz o empresário. Exemplo disso é um grande modelo da lua exposto num dos espaços da marca, na loja localizada na Vila da Taipa.

#### **Parcerias de sucesso**

Mas não só de Macau vem a influência nos designs da O-Moon.

Desde 2018, a marca de Macau tem colaborado com a empresa de entretenimento japonesa Sanrio, mais conhecida como a detentora dos direitos de uma série de personagens de desenhos animados – incluindo da Hello Kitty – que conquistaram os corações de milhões de admiradores em todo o mundo. Até ao momento, a parceria deu origem a duas colecções de produtos com personagens da Sanrio: O-Moon x Hello Kitty e O-Moon x Little Twin Stars.

“Nunca pensei que teria a oportunidade de cooperar com uma marca internacional como a Sanrio porque a O-Moon é apenas uma marca de pequena dimensão em Macau”, refere Seng Ng.

“No início do processo, quando discutimos as oportunidades de cooperação, não tinha grande esperança no desfecho das negociações”, revela o empresário. “Mas a Sanrio ficou impressionada com o posicionamento da nossa marca em Macau e, como também

pretendia expandir a sua presença no mercado local, daí resultou a nossa colaboração.”

Esta parceria acabou por exceder as expectativas de Seng Ng, contribuindo para aumentar significativamente a exposição da O-Moon. “Os admiradores da Sanrio são os principais consumidores dos produtos que resultaram da nossa parceria, artigos que são encarados como edições especiais, apenas disponíveis em Macau”, explica.

Seng Ng recorda, por exemplo, a exposição temática sobre a Hello Kitty que Macau acolheu em 2019, um evento que atraiu muitos visitantes à cidade e beneficiou as vendas da O-Moon.

A experiência adquirida através da colaboração com uma marca internacional também provou ser benéfica para a O-Moon em termos do seu próprio modelo de operação e práticas comerciais. “Aprendemos imenso com esta parceria, nomeadamente por



A O-Moon x Little Twin Stars é uma das coleções que resulta da parceria com a empresa japonesa Sanrio

vermos como a Sanrio se preocupa com os mais pequenos detalhes no que diz respeito ao design dos seus produtos”, conta o proprietário da O-Moon.

### Vencer as adversidades

Apesar do sucesso nos primeiros anos após abrir portas, que culminou com o melhor volume mensal de vendas em Dezembro de 2019, tudo mudou no princípio do ano seguinte com a pandemia



“Sou de Macau e somos uma marca local, por isso queremos que mais pessoas de Macau nos conheçam

**SENG NG**  
PROPRIETÁRIO  
DA O-MOON

da COVID-19. “Com o surgimento da pandemia no início de 2020, o nosso negócio foi severamente prejudicado. Registámos perdas mês após mês nos últimos três anos e deparámo-nos com problemas de liquidez”, conta o empresário, revelando que os dois outros sócios-fundadores da O-Moon decidiram sair do projecto durante esse período, por diferentes razões.

Antes da pandemia, cerca de 80 por cento das receitas das lojas provinham das vendas a turistas. Apesar dos desafios e do prolongar da pandemia, Seng Ng não cruzou os braços e decidiu adaptar o modelo de negócios da O-Moon. Aos produtos de design e lembranças tradicionais juntaram-se brinquedos e artigos de outras marcas, numa tentativa de atrair e fidelizar novos clientes. A empresa apostou também em canais de venda online, disponibilizando os seus produtos no seu portal digital, bem como em plataformas de comércio electrónico de Hong Kong e Taiwan.

### Raízes locais

Atravessado o período até agora mais conturbado para a O-Moon, há finalmente “uma luz ao fundo do túnel”, refere Seng Ng. Com a recuperação do sector do turismo, ligada ao relaxamento gradual das restrições pandémicas no início deste ano, as contas mensais da empresa voltaram a território positivo.

A empresa aguarda agora o regresso dos turistas internacionais

com a retoma dos vários serviços de transporte marítimo e aéreo para a cidade. “Antes da pandemia, os nossos principais clientes eram turistas de Hong Kong, Taiwan, Japão e Coreia do Sul”, refere o também director de operações da O-Moon.

As lições aprendidas durante a pandemia não caíram no esquecimento. Seng Ng garante que a O-Moon vai continuar a trabalhar para aumentar a sua visibilidade junto dos moradores locais. Em Dezembro, a marca abriu a terceira loja numa das zonas residenciais mais tradicionais da península.

“A nova loja situa-se numa zona residencial, pelo que tem como público-alvo sobretudo os clientes locais, comparativamente aos outros espaços, que estão mais direccionados para turistas”, salienta. “Sou de Macau e somos uma marca local, por isso queremos que mais pessoas de Macau nos conheçam, porque não queremos apenas ser uma marca para turistas.”

A O-Moon vai lançar novos produtos ainda este ano, incluindo uma nova colecção com outra personagem da Sanrio. O primeiro objectivo está traçado – recuperar financeiramente após três anos de pandemia –, mas há outros desafios por conquistar, nomeadamente a expansão para além do território, confessa Seng Ng. “Um dos objetivos é abrir uma loja em Hong Kong, que, comparativamente a Macau, é um mercado mais maduro para produtos de design diferenciados”, conclui. ▀

INTEGRAÇÃO FINANCEIRA

# Ilha de oportunidades

A integração entre Macau e Hengqin continua em fase de aceleração, também no sector financeiro. Sucedem-se as medidas visando o reforço da ligação entre os dois lados: à Revista Macau, responsáveis do Banco da China e do BNU falam dos passos dados e projectam o futuro



Texto | Viviana Chan

“UMA prenda”: é desta forma que o vice-director-geral da Sucursal de Macau do Banco da China, Ip Sio Kai, qualifica o “Parecer sobre o Apoio Financeiro para a Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”. O documento, publicado no final de Fevereiro e contendo 30 medidas para estimular a reforma e abertura do sistema financeiro de Hengqin, é o mais recente passo de uma revolução rumo a uma maior integração com a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

Para Ip Sio Kai, a questão seguinte é como converter a prenda do Governo Central em “novos produtos e serviços que beneficiem as empresas e cidadãos de Macau e Hengqin, o mais rápido possível”. O também deputado à Assembleia Legislativa da RAEM e presidente da Associação de Bancos de Macau nota que “Hengqin já se tornou uma área de concentração de fundos privados, com mais de 560 fundos registados”, atraídos pelas políticas preferenciais que aí estão a ser implementadas. Entre os nomes de maior relevo estão entidades como a Hillhouse Capital, o Shenzhen Capital Group ou a IDG Capital. Este contexto, sublinha o responsável, é favorável ao lançamento de projectos inovadores relacionados com investimento e obrigações, empréstimos e seguros.

De acordo com o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, os planos a curto, médio e longo prazo para a construção da Zona de Cooperação Aprofundada definem claramente a criação de uma “cerca electrónica” até 2025, associada a um sistema de gestão financeira transfronteiriço. A ideia é demarcar Hengqin do resto do Interior da China, enquanto se ensaia uma maior integração com Macau ao nível da exploração dos mercados financeiros.

Nos dez anos seguintes, ou seja, até 2035, espera-se que o modelo seja aperfeiçoado e o nível de integração financeira entre a Zona de Cooperação Aprofundada e a RAEM aumentado. O objectivo a longo prazo é que

os sistemas financeiros de Hengqin e Macau atinjam um nível de equiparação e que Hengqin seja uma plataforma de serviços financeiros internacional, nomeadamente entre a China e o mundo lusófono.

### Novas medidas

O “Parecer sobre o Apoio Financeiro para a Construção da Zona de Cooperação Aprofundada” – emitido pelo Banco Popular da China, em conjunto com a Comissão Reguladora dos Bancos e Seguros da China, a Comissão Reguladora dos Títulos da China, a Administração Estatal de Divisas e o Governo Popular da Província de Guangdong – aponta formas para reforçar a ligação com o mercado financeiro de Macau. O documento propõe a criação de diferentes tipos de instituições financeiras na Zona de Cooperação Aprofundada, em articulação com o desenvolvimento de actividades financeiras modernas – incluindo actividades relativas a obrigações, gestão de fortunas e locação financeira. São também reduzidos os requisitos de acesso ao mercado por parte de entidades financeiras da RAEM.

Em simultâneo, o parecer estimula a prestação de apoio financeiro às indústrias da cultura, turismo, convenções e exposições e inovação tecnológica, consideradas de desenvolvimento prioritário pelas Linhas de Acção Governativa de Macau, no âmbito da estratégia de diversificação económica adequada “1+4”. No parecer, propõe-se ainda apoiar a interligação das infra-estruturas financeiras da RAEM e Hengqin, fomentando o fluxo transfronteiriço de fundos, através do lançamento de medidas favoráveis para a liquidação transfronteiriça em renminbi e para actividades cambiais.

Por outro lado, o parecer contém um conjunto de políticas que visam facilitar a vida dos residentes de Macau na Zona de Cooperação Aprofundada. Estas incidem sobre transacções transfronteiriças individuais, pagamentos móveis, financiamentos de crédito,

## Novo conceito em formação

QUATRO décadas após o líder chinês Deng Xiaoping ter anunciado a criação das primeiras zonas económicas especiais da China, está em formação um novo tipo de entidade administrativa especial, tendo Hengqin como palco. Isso mesmo é confirmado pelas “Normas para a Promoção do Desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”, aprovadas pelo Comité Permanente da Assembleia Popular Provincial de Guangdong em Janeiro e que entraram em vigor menos de dois meses depois, considera Sonny Lo Shiu-Hing, analista político especializado em assuntos de Macau e Hong Kong.

O comentador refere que a promulgação das normas pelas entidades provinciais de Guangdong se tornou “um separador de águas”, sublinhando a “integração sócio-económica-tecnológica” entre Macau e Hengqin, algo sem paralelo. Em declarações à Revista Macau, Sonny Lo indica que o aceleração da integração entre os dois lados levou a que, de facto, um novo tipo de unidade administrativa – a Zona de Cooperação Aprofundada – tenha já sido legalmente estabelecido, com o seu desenvolvimento gravitando em torno da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

Para o analista político, Hengqin, posicionando-se como uma primeira linha de fronteira entre Macau e o resto do Interior da China, “pode e estará bem posicionada para eventualmente ser integrada pela RAEM”, tendo por base factores como a expansão da população de Macau e as limitações geográficas do território, bem como a preparação de Hengqin para tal.

Foi em Agosto de 2009 que o Conselho de Estado



Sonny Lo Shiu-Hing

da República Popular da China aprovou o “Plano de Desenvolvimento Geral de Hengqin”, nos termos do qual a ilha –no município de Zhuhai, na província de Guangdong – foi posicionada como uma área de demonstração de um novo modelo de cooperação entre Guangdong, Hong Kong e Macau. Essa integração entre a RAEM e Hengqin foi acelerada a partir de 2019, quando foram publicadas as “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, pelo Comité Central do Partido Comunista Chinês e pelo Conselho de Estado. Seguiu-se, em Setembro de 2021, a promulgação pelo Governo Central do “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin” – a zona reflecte uma iniciativa sem precedentes, rumo a uma maior integração regional, ocupando a área total da ilha. ▲

seguros transfronteiriços e investimentos em títulos, entre outras áreas. Actualmente, duas plataformas de pagamentos móveis de Macau podem já ser utilizadas em Hengqin; além disso, três bancos da RAEM já estão autorizados a facilitar a abertura de contas bancárias no Interior da China por parte de residentes de Macau.

Outra medida inovadora abordada pelo parecer refere-se à partilha de informações. É proposto que os bancos da RAEM e de Hengqin possam partilhar informações de crédito relativas a residentes de Macau, desde que com o consentimento destes, para o fornecimento de serviços financeiros na Zona de Cooperação Aprofundada. Além disso, é permitido às sucursais em Hengqin de bancos com capitais de Macau ou do Interior da China desenvolverem projectos-piloto de transferência transfronteiriça de dados internos.

De acordo com Ip Sio Kai, o Banco da China – que, além da sucursal de Macau, também tem presença em Hengqin – está empenhado em trabalhar na implementação das medidas elencadas no “Parecer sobre



“ Hengqin já se tornou uma área de concentração de fundos privados, com mais de 560 fundos registados

**IP SIO KAI**  
VICE-DIRECTOR-GERAL DA SUCURSAL  
DE MACAU DO BANCO DA CHINA

o Apoio Financeiro para a Construção da Zona de Cooperação Aprofundada”, de forma a beneficiar os cidadãos e empresas da RAEM. Tal inclui a oferta de serviços simplificados no que toca à compra de imóveis em Hengqin por parte de residentes de Macau, bem como de transferências transfronteiriças de fundos entre a RAEM e Hengqin, entre outros, diz.

O responsável salienta que, apesar dos progressos já obtidos e das medidas anunciadas, ainda se pode ir mais longe. “O financiamento transfronteiriço para empresas de Hengqin ainda carece de apoio”, exemplifica Ip Sio Kai.

### **Novo motor de crescimento**

Em 2021, o sector financeiro tornou-se já na segunda maior indústria da RAEM, de acordo com dados compilados pela Autoridade Monetária de Macau, com um peso de 15,4 por cento no produto interno bruto do território. No entanto, Ip Sio Kai reconhece que há limitações no que toca ao potencial de desenvolvimento local – e a Zona de Cooperação Aprofundada pode ser um desbloqueador.

“Embora a indústria financeira de Macau tenha aumentado a sua representatividade na economia, os negócios são muito centrados em torno de serviços bancários tradicionais e da comercialização de seguros”, afirma. “A estrutura é simples e, mesmo depois de vários anos de desenvolvimento, o motor de crescimento das receitas continua a ser os serviços bancários tradicionais, nomeadamente os depósitos e empréstimos”, admite o vice-director-geral da Sucursal de Macau do Banco da China. “O espaço de crescimento é muito limitado, sendo que é urgente diversificar e expandir para mais áreas.”

O Banco da China, através da sua sucursal de Macau, é a instituição bancária com o maior portfólio de activos e a rede de serviços mais abrangente do território, gozando de uma posição de liderança no sector. Ainda assim, Ip Sio Kai reconhece que há mais que pode ser feito. “Macau precisa de cultivar e enriquecer ainda mais a indústria financeira moderna, continuar a melhorar a optimização da alocação

de recursos financeiros e aproveitar ao máximo as vantagens ligadas ao capital financeiro internacional para negócios financeiros offshore”, refere. Para tal, o território “necessita de profissionais qualificados”, acompanhados de infra-estruturas e regimes jurídicos adequados, de forma a poder equiparar com os grandes centros financeiros internacionais e regionais, sugere.

A Autoridade Monetária de Macau reconhece que, com a implementação das políticas de apoio financeiro para a Zona de Cooperação Aprofundada, “será apresentada uma nova ronda de oportunidades de desenvolvimento junto da indústria financeira de Macau”. De acordo com o organismo, “propõe-se explorar, no âmbito do princípio ‘Um país, dois sistemas’, uma cooperação profunda entre a Zona de Cooperação Aprofundada e Macau na área financeira, tendo presentes as vantagens únicas” da RAEM, contribuindo para a diversificação adequada da economia do território.

### Plataforma para a lusofonia

O outro banco emissor da RAEM, o Banco Nacional Ultramarino (BNU), também está posicionado em Hengqin. Foi, aliás, uma das primeiras instituições do território a aí marcar presença: o BNU abriu a sua agência em Hengqin em 2017, tendo logo começado a prestar serviços transfronteiriços. Além disso, o BNU foi o primeiro banco de fora do Interior da China a introduzir uma máquina de consulta automática de relatório de crédito pessoal em Hengqin.

Ao contrário das representações de outros bancos de Macau em Hengqin, concentradas numa área conhecida como Hengqin Financial Island, o escritório do BNU situa-se perto do posto fronteiriço com a RAEM, no 30.º andar de um arranha-céus. A vista desafogada sobre a paisagem em redor permite aos profissionais do banco terem uma visão panorâmica sobre o rápido crescimento em curso na ilha.

O director da agência do BNU em Hengqin, Loi Seng, explica à Revista Macau que o objectivo principal da unidade é apoiar clientes individuais e empresários oriundos de Macau, Hong Kong e do estrangeiro

a efectuarem investimentos em Hengqin ou no resto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Para assegurar um conhecimento detalhado do ambiente no Interior da China e, ao mesmo tempo, garantir que a qualidade dos serviços é similar à oferecida na RAEM, a equipa da agência é composta por profissionais provenientes de cada uma das jurisdições.

Actualmente, a actividade transfronteiriça da agência do BNU está bastante focada no apoio a empresários de Macau, nomeadamente no que toca ao investimento em habitações e lojas em Hengqin. “Começar do zero é sempre um grande desafio”, reconhece o director da agência. No entanto, Loi Seng mostra-se satisfeito com o percurso já realizado: o objectivo é sempre “fornecer bons serviços” aos clientes, “para apoiar os seus investimentos e desenvolvimento no Interior da China”. De resto, o responsável salienta que a agência tem acesso à rede internacional do grupo

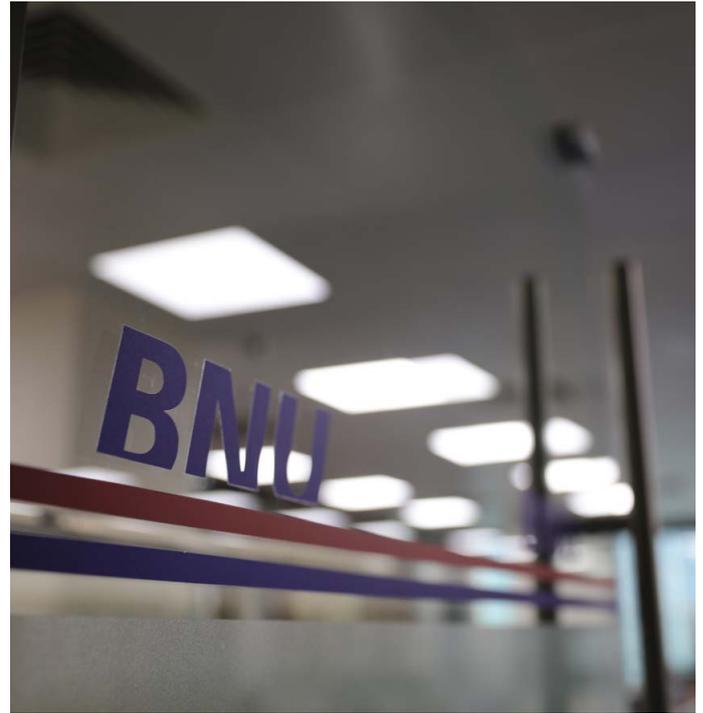


Através de uma presença sólida em Macau e com a agência em Hengqin, podemos apoiar as empresas da lusofonia no estabelecimento de negócios com empresas chinesas

**LOI SENG**  
DIRECTOR DA AGÊNCIA DO BNU EM HENGQIN



O Banco da China está empenhado na integração financeira entre Macau e Hengqin



A agência do BNU em Hengqin foi estabelecida em 2017

bancário português Caixa Geral de Depósitos, entidade que detém o BNU e que possui operações em 17 países.

Um dos objectivos previstos no “Parecer sobre o Apoio Financeiro para a Construção da Zona de Cooperação Aprofundada” é o posicionamento da área como uma plataforma de serviços financeiros entre a China e a lusofonia. Neste aspecto, salienta Loi Seng, por ter “uma forte relação com os países de língua portuguesa”, o BNU pode desempenhar um papel de relevo. O responsável recorda que o grupo Caixa Geral de Depósitos está presente em quase todos os mercados de língua portuguesa, com posições de destaque em vários deles.

“Através de uma presença sólida em Macau e com a agência em Hengqin, podemos apoiar as empresas da lusofonia no estabelecimento de negócios com empresas chinesas”, afirma. Além disso, “a agência do BNU em Hengqin oferece um canal viável para a prestação directa de serviços financeiros às empresas do Interior da China no que toca à sua participação no comércio internacional, particularmente com os países lusófonos

e com empresas de Macau que já façam negócios com estes países”.

Loi Seng elogia o estabelecimento, no ano passado, do Gabinete de Cooperação de Tributação para os Países e Regiões de Língua Portuguesa, no seio da Direcção dos Serviços de Tributação da Zona de Cooperação Aprofundada. Segundo explica, tal beneficia o trabalho do BNU no campo da promoção de serviços financeiros entre a China e a lusofonia.

Olhando para o futuro, Loi Seng está optimista. “Vamos continuar a trabalhar na criação e desenvolvimento de novos produtos e serviços que ajudem a fomentar negócios entre a China e os países lusófonos”, garante. “Esperamos também que novas empresas e empreendedores decidam aproveitar as oportunidades disponíveis em Hengqin. Isso seria uma boa notícia para todos os sectores e, em particular, o sector financeiro: estamos preparados para financiar empreendimentos novos ou já existentes e para ajudar essas empresas a se expandirem.” ▲



## ENTREVISTA

# “Existe um leque de oportunidades por explorar entre a China e Cabo Verde”

O novo Embaixador de Cabo Verde em Pequim considera a relação com a China importante para o desenvolvimento do país africano. Em entrevista, **Arlindo do Rosário** salienta o apoio da China nas áreas da saúde e da educação. Sobre Macau, o diplomata – que esteve no território em Março, a propósito dos 20 anos do Fórum de Macau – entende que a região pode desempenhar um papel relevante nas relações sino-cabo-verdianas

Texto | Marta Melo

## **Tomou posse em Dezembro como Embaixador de Cabo Verde em Pequim. Quais são as suas prioridades?**

Uma das minhas prioridades passa pelo trabalho junto das instituições públicas, empresas e organizações não-governamentais chinesas, com vista ao reforço do diálogo, para o incremento das relações de amizade, de respeito mútuo e de aproximação cada vez maior entre os nossos povos. A nível da cooperação, existe um leque de oportunidades por explorar. O aprofundamento do diálogo político-diplomático e subsequente incremento da parceria existente fazem também parte das minhas prioridades.

Podemos identificar pelo menos cinco áreas prioritárias no relacionamento entre os nossos dois países. Uma é o fomento do comércio, promovendo negócios e intercâmbios em sectores que ainda não conseguimos dinamizar. Outra área é a assistência técnica, com o estabelecimento de acordos de cooperação em sectores como a tecnologia, a saúde, a educação ou o meio ambiente. Uma terceira área, a construção de infra-estruturas, visa atrair financiamento para o desenvolvimento de projectos em Cabo Verde.

Outra área é o turismo e cultura, com o fomento de intercâmbios culturais, devendo tal permitir alavancar a cooperação turística entre os dois países. Por fim, a quinta área prioritária é a captação de investimentos chineses em sectores económicos com vantagens comparativas, a via ideal para dar sustentabilidade a esta relação entre a China e Cabo Verde.

## **A China é hoje um dos principais parceiros de desenvolvimento de Cabo Verde e tem apoiado vários projectos no país nos últimos anos. Qual a importância da China para Cabo Verde?**

A relação com a China tem sido importante para Cabo Verde, pois potencia o desenvolvimento sócio-económico das nossas ilhas, impactando positivamente a qualidade de vida da nossa população. Destacaria, entre outros, o investimento público em infra-estruturas do Estado. A China tem sido um importante financiador de projectos-chave em Cabo Verde, designadamente nos sectores da saúde, educação, segurança pública e agricultura. Isso tem ajudado a alavancar o crescimento

da economia e contribui para a melhoria da qualidade de vida da nossa população.

Na assistência técnica, a China tem fornecido apoio técnico e disponibilizado ferramentas tecnologicamente avançadas, o que tem permitido melhorar a capacidade de Cabo Verde para responder aos desafios que vai enfrentando.

### **O apoio da China é importante para a criação da Zona Económica Especial Marítima em São Vicente (ZEEM-SV)?**

O apoio da China foi importante na fase do planeamento e tem sido formidável na montagem da Autoridade da ZEEM-SV. A China é uma das economias mais fortes e dinâmicas a nível mundial e a sua colaboração poderá ajudar-nos a financiar as infra-estruturas básicas da ZEEM-SV e atrair investimentos para os projectos comerciais. Além do mais, a China poderá fornecer suporte técnico e experiências valiosas para a criação e gestão da zona económica especial.

Para a operacionalização desta ZEEM, precisamos de ter recursos financeiros disponíveis, infra-estruturas adequadas, mão-de-obra qualificada e uma forte capacidade de atracção de investimento externo. Se a China decidir investir em São Vicente e na zona económica especial, seguramente contribuirá para o seu sucesso.

### **De que forma Cabo Verde pode ser importante para a China?**

Primeiramente, pela sua localização geográfica, podendo ser uma plataforma para a China expandir os seus negócios e influência na região. Além disso, Cabo Verde tem relações próximas com muitos países africanos, nomeadamente os países africanos de língua portuguesa, e faz parte da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental – que é hoje uma união aduaneira –, sendo também subscritor do Acordo de Livre Comércio Continental Africano, em fase de implementação, com as facilidades que se estimam no escoamento de mercadorias, pessoas e capital entre os seus membros. Pelo que pode ser valioso para a China estabelecer relações comerciais e políticas fortes com Cabo Verde, para ter acesso ao mercado africano, que,

diga-se, é rico tanto em potencial de consumo como de riqueza no subsolo.

Noutro âmbito, Cabo Verde é uma economia nascente, com bastante potencial de crescimento, designadamente nos sectores do turismo e mar, tendo ainda uma larga diáspora, sendo, portanto, um país aberto ao mundo e em franca modernização. Por isso, pode revelar-se atractivo para o estabelecimento de empresas, com os investidores chineses a desfrutar não só da nossa estabilidade sócio-política, mas também das inovações institucionais que vão acontecendo gradualmente.

### **Como olha para a iniciativa chinesa “Uma Faixa, Uma Rota” e como considera que Cabo Verde pode beneficiar deste projecto?**

Cabo Verde vê como positiva a possibilidade de parcerias comerciais e investimentos envolvendo empresas chinesas. O país está aberto a estudar possibilidades de cooperação em projectos de desenvolvimento, nomeadamente para a modernização e melhoria das infra-estruturas energéticas, portuárias e aeroportuárias, bem como das redes de transportes aéreos e marítimos, de forma a melhorar a conectividade interna e alavancar o turismo, para poder atrair mais investimento externo.



**Macau pode certamente desempenhar um papel importante nas relações entre a China e Cabo Verde**

Por outro lado, a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” pode servir enquanto plataforma de diálogo político-diplomático. Cabo Verde vê nela uma nova janela que deverá permitir reforçar o multilateralismo e a globalização, tendo a China como actor de referência.

### **Qual é a dimensão da comunidade cabo-verdiana na China?**

A comunidade é pequeníssima. Algumas dezenas de estudantes apenas. Tem crescido, mas gostaríamos que houvesse disponíveis mais bolsas de estudo para podermos formar mais jovens, que são o futuro de Cabo Verde e potenciadores de melhores entendimentos com a China e o mundo asiático.

### **A área da educação tem sido importante nas relações com a China. Que passos têm sido dados nessa área?**

Tem sido uma cooperação pragmática e com forte pendente na capacitação de recursos humanos. A China tem fornecido apoio técnico e financeiro para a formação de jovens em várias áreas, incluindo nos domínios da saúde, engenharias e gestão, o que tem permitido melhorar a capacidade de Cabo Verde de responder aos desafios que vai enfrentando. Para além de cursos de licenciatura, já temos alguns cabo-verdianos que concluíram ou estão a concluir cursos de mestrado ou doutoramento em ciências sociais ou tecnológicas na China.

Cabo Verde mostra-se profundamente reconhecido ao governo da República Popular da China e pretende aprofundar ainda mais essa cooperação, e alargá-la, se possível, para outros domínios, nomeadamente da investigação, cooperação descentralizada e geminação entre instituições universitárias cabo-verdianas e chinesas.

O governo cabo-verdiano está a implementar uma ampla reforma no sistema educativo e quer contar com a China na sua viabilização, sobretudo na melhoria do parque escolar nos diferentes níveis de ensino. De referir que a criação de um Instituto Confúcio na Universidade de Cabo Verde foi um passo marcante nesta caminhada.



© DIREITOS RESERVADOS

## **Do consultório médico à embaixada em Pequim**

**N**ASCIDO em 1961 na Ilha do Sal, Arlindo do Rosário licenciou-se em Medicina na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, e está na política activa em Cabo Verde desde o início dos anos 1990. O pediatra ocupou vários postos a nível municipal e nacional e em 2016 assumiu o cargo de Ministro da Saúde e da Segurança Social, deixando a prática activa da medicina.

Enquanto ministro, o “maior desafio foi ter que enfrentar a pandemia da COVID-19, pelo forte abalo que provocou sobre os sistemas de saúde”, recorda. O responsável elogia, a este respeito, o apoio fornecido a Cabo Verde pela China, incluindo a oferta de vacinas e material médico-hospitalar.

Em Dezembro, com a entrega das respectivas cartas credenciais como embaixador na China (foto), Arlindo do Rosário assumiu, pela primeira vez, funções diplomáticas, para as quais olha “com um sentimento de gratidão, pela confiança depositada” nas suas capacidades. Algo a que junta “a responsabilidade de procura de respostas aos imensos desafios” que a posição encerra e “a fé e a esperança de uma missão com êxito”. ▲



## Fórum de Macau com “desempenho positivo”

**A**RLINDO do Rosário considera que o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (também conhecido por Fórum de Macau) tem permitido “uma maior coordenação e intensificação” em matéria de diplomacia económica entre as partes envolvidas. Para o Embaixador de Cabo Verde em Pequim, enquanto plataforma de diálogo e cooperação, o Fórum de Macau – que celebra este ano duas décadas de existência – “permite que líderes políticos e empresariais possam reunir-se para discutir questões de interesse mútuo”.

“O Fórum de Macau tem tido um desempenho positivo, não obstante subsistirem ainda desafios para que a sua divulgação, em todos os países participantes, seja efectiva, de forma a reforçar o papel de Macau enquanto ponte, abrindo portas para que mais projectos fecundos se concretizem nos nossos países”, considera o diplomata. Arlindo do Rosário sublinha, a este respeito, a necessidade de revisões no funcionamento do Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa, de forma a elevar a capacidade do organismo no que toca à identificação de projectos financiáveis nos países lusófonos.

O embaixador reconhece que o tecido empresarial de Cabo Verde, devido às suas limitações de escala e acesso a capital, “não tem pujança suficiente” para almejar uma forte presença no mercado chinês. O objectivo é, por isso, utilizar o Fórum de Macau para “levar empresas chinesas a investirem em Cabo Verde”.

“Temos verificado, nos últimos 20 anos, algum interesse dos empresários chineses em Cabo Verde. Temos notado também que anualmente mais e mais importadores de Cabo Verde já participam nas principais feiras da China em busca de parcerias”, diz.

A disponibilidade de Cabo Verde para continuar a apoiar os trabalhos do Fórum de Macau foi reiterada em Fevereiro pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Cooperação e Integração Regional, Rui Figueiredo Soares, numa visita à sede da instituição, em Macau. O governante salientou na altura o desejo do seu país em reforçar a colaboração em diversas áreas com a China e os países lusófonos, aproveitando o papel do Fórum de Macau como mecanismo multilateral de cooperação e o posicionamento de Macau enquanto plataforma sino-lusófona. ▲

### **Nesta área, a China financiou também o novo campus da Universidade de Cabo Verde.**

Foi uma acção importante para o sector do ensino superior de Cabo Verde. Trata-se da maior infra-estrutura construída no país financiada pela cooperação chinesa. Sendo uma infra-estrutura moderna e bem equipada, os estudantes e professores viram melhoradas as condições de ensino e aprendizagem, o que beneficia a formação de quadros.

Com o novo campus, a Universidade de Cabo Verde tem hoje maior capacidade para formar jovens em áreas-chave, sendo, por isso, importante para o desenvolvimento económico e social do país. Para além disso, é uma janela de oportunidade que se abre para a cooperação internacional, permitindo à universidade estabelecer parcerias com instituições de ensino superior de outros países, incluindo da China. Tal potencia intercâmbios de estudantes, professores e investigadores, bem como o desenvolvimento de projectos conjuntos sobre temáticas que até esta altura não tinha sido possível abordar.

### **Outro sector para o qual a China tem contribuído é o da saúde.**

Na área da saúde, a China tem prestado também um contributo valioso ao nosso país, tanto no domínio das infra-estruturas como da assistência técnica e da formação de quadros. Na ilha de Santiago, infra-estruturas importantes tais como a maternidade do Hospital Agostinho Neto e a sua lavandaria central foram construídas com apoio da cooperação chinesa. Em São Vicente, ainda este ano, começará a construção do bloco de maternidade e pediatria no Hospital Baptista de Sousa, que irá incrementar a capacidade de resposta hospitalar não só para a ilha, mas para toda a região norte do país.

No domínio da assistência técnica, a China tem enviado para Cabo Verde, desde há 40 anos, equipas médicas integrando especialistas em várias áreas, para prestar cuidados à população. Tem sido um apoio extraordinário, complementado por remessas de materiais e equipamentos médico-hospitalares, bem como pela formação pontual de quadros.

Pese embora todos os ganhos já alcançados, há um espaço enorme a ser preenchido numa óptica de parceria mutuamente vantajosa: o arquipélago pode ser útil à China na expansão dos seus interesses comerciais em saúde, podendo ser uma plataforma para a produção de medicamentos e vacinas ou montagem de equipamentos médico-hospitalares. Uma outra vertente a ser explorada é a do turismo de saúde, em estreita conexão com um sector em franco crescimento que é o do turismo balnear.

No domínio da investigação, Cabo Verde quer estabelecer parcerias com instituições internacionais de saúde, incluindo da China, para intercâmbios e trocas de experiências e de conhecimentos, bem como para levar a cabo o desenvolvimento de projectos conjuntos.

### **Qual a importância de Macau no quadro das relações entre os dois países?**

Os laços de amizade entre Cabo Verde e Macau, onde temos uma pequena comunidade relativamente bem integrada, vêm de longa data. A presença desta comunidade e a cooperação entre os dois lados podem levar ao desenvolvimento conjunto de projectos e iniciativas, aumentando a interacção e a compreensão mútua com a China. Macau, enquanto região administrativa especial da China, pode certamente desempenhar um papel importante nas relações entre a China e Cabo Verde, enquanto plataforma financeira e centro de comércio e de investimentos.

Com Macau, temos tentado dar continuidade ao diálogo e cooperação existentes há décadas, nomeadamente em áreas como o municipalismo, justiça, finanças, turismo e cultura, bem como a nível do ensino superior, tendo Cabo Verde jovens a estudar em Macau, que servirão de elo de ligação com esta região do globo.

Os acordos entre Cabo Verde e Macau nas áreas do turismo, cooperação jurídica e judiciária, eliminação da dupla tributação e prevenção da evasão fiscal, entre outros protocolos institucionais, servem para aprofundar a amizade entre os nossos povos e criar condições ideais para o reforço da cooperação empresarial. ◀



© DIREITOS RESERVADOS

RELAÇÕES CHINA-ANGOLA

# Quatro décadas de cooperação a olhar o futuro

A República Popular da China e Angola assinalam este ano o 40.º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas oficiais entre as duas nações. A ambição mútua é que a cooperação sino-angolana continue em sentido ascendente e se alargue a novas áreas

Texto | Marta Melo

**F**OI a 12 de Janeiro de 1983 que a República Popular da China e Angola estabeleceram relações diplomáticas oficiais. O país lusófono é agora um dos principais parceiros comerciais da China no continente africano: no ano passado, as trocas comerciais bilaterais superaram os 27 mil milhões de dólares americanos, o que representa uma variação homóloga de 16 por cento, de acordo com dados dos Serviços de Alfândega da China. Entre os dois países existe um acordo de parceria estratégica, em vigor desde 2010.

“A China tem sido o maior parceiro comercial de Angola, o maior mercado de exportação e uma importante fonte de investimento durante muitos anos”, ao passo que o país de língua portuguesa é “o maior exportador de petróleo” em África para solo chinês, assumiu o Embaixador da República Popular da China em Luanda, Gong Tao, num artigo de opinião publicado em Janeiro no Jornal de Angola, assinalando os 40 anos de relações bilaterais. No texto, o diplomata defende que foram alcançados “resultados importantes no intercâmbio e cooperação em vários domínios”, acrescentando que a relação China-Angola “está na vanguarda da cooperação China-África”.

Também o Presidente chinês fala de uma cooperação com “resultados frutuosa”, que trouxe “benefícios tangíveis” para a China e para Angola. Citado numa nota do Governo Central assinalando as quatro décadas

de relações diplomáticas, Xi Jinping considerou que os laços entre os dois países “estão num bom momento de desenvolvimento”.

Os 40 anos de relações sino-angolanas foram marcados por uma visita do novo Ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, Qin Gang, a Luanda, que decorreu em Janeiro. Nas vésperas da chegada do diplomata à capital angolana, a China assinou um acordo de financiamento com as autoridades do país lusófono no valor de 249 milhões de dólares americanos, com vista a apoiar a expansão da rede de banda larga na nação africana.

### **Novo modelo de cooperação**

No futuro, Angola quer continuar a estreitar laços com a China e, dos dois lados, há “ambição de crescer cada vez mais”, assinala o Embaixador de Angola em Pequim, João Salvador dos Santos Neto, em declarações à Revista Macau, salientando as “excelentes relações” bilaterais. “Entendemos que os dois países têm potencialidades que se completam”, diz o diplomata. O desejo é que esta cooperação possa também ajudar o crescimento das empresas angolanas e que estas possam ter uma presença com expressão no mercado chinês.

A China “tem muitos desafios” pela frente e Angola “pode, a partir dos seus recursos naturais, contribuir” para encontrar soluções, afirma João Neto. “A China também tem ‘know-how’” que pode ajudar a nação africana no seu desenvolvimento, acrescenta. “É preciso solidificar esta complementaridade entre as duas economias.”

Francisco José Leandro, director associado do Instituto de Investigação para os Países de Língua Portuguesa da Universidade Cidade de Macau, acredita que a cooperação entre a China e Angola “vai continuar e vai continuar muito forte”. Pode, no entanto, haver mudanças: “Provavelmente, o modelo de cooperação vai ser alterado na ideia de que é muito importante haver qualificação das pessoas, transferência de tecnologia e sustentabilidade dos projectos”.

O académico recorda declarações do Presidente angolano, João Lourenço, que “já disse que quer

**27,3**  
**mil milhões**

**Valor total, em dólares americanos, das trocas comerciais entre a China e Angola em 2022**

continuar a colaborar com a China no âmbito da defesa”, passando de “uma narrativa que era de comprar material e equipamento a uma narrativa que é muito mais de transferência de tecnologia”. Francisco José Leandro acrescenta: “Isto dá o tom para os outros sectores, muito mais na diversificação da cooperação, na diversificação das trocas comerciais e na transferência de tecnologia”.

O economista e jornalista angolano Carlos Rosado de Carvalho corrobora a necessidade de mais investimento directo chinês de qualidade em Angola. “Com transferência, além de capital, de tecnologia e de ‘know-how’ de gestão”, sublinha.

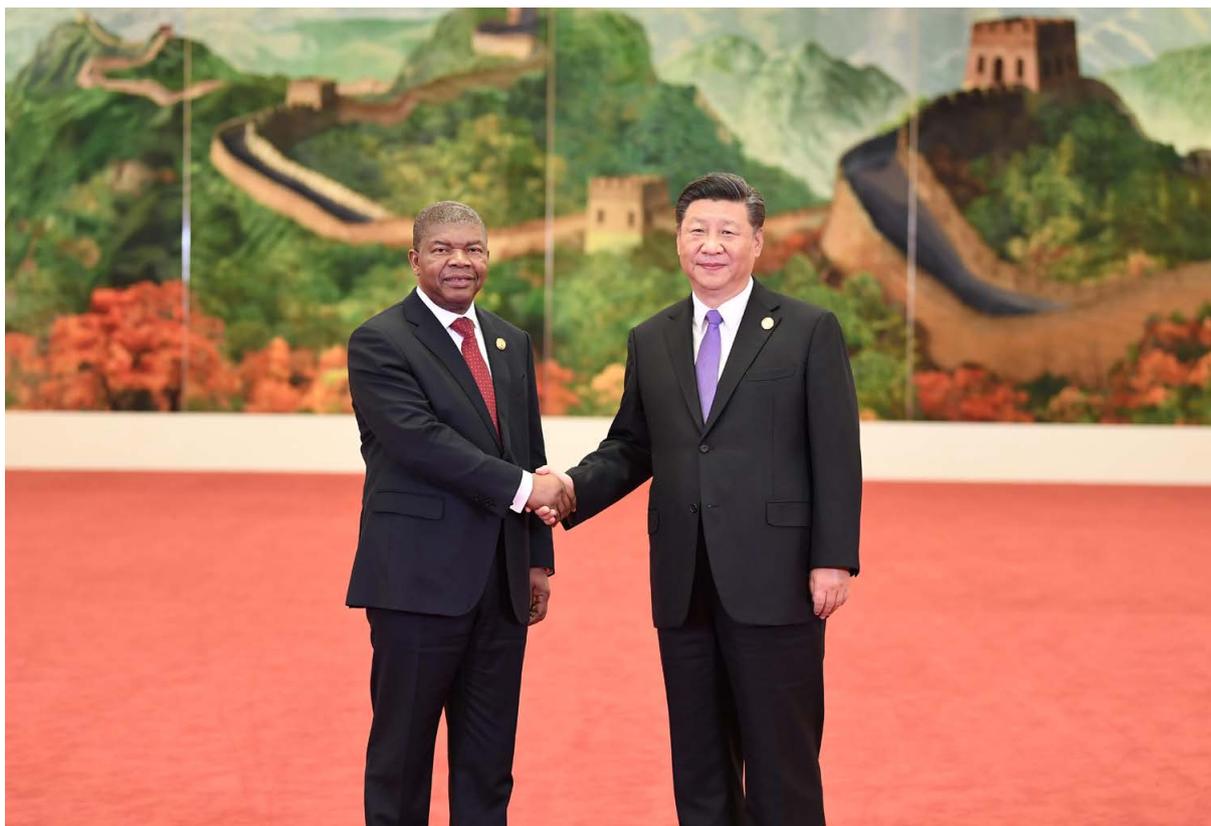
### Parceria em evolução

Na leitura de Francisco José Leandro, as relações entre a China e Angola “têm-se transformado” ao longo dos

tempos. Embora as relações diplomáticas tenham sido oficializadas em 1983, o académico fala de contactos que começaram antes.

Já depois de 1983 e até ao final da guerra civil angolana – que durou entre 1975 e 2002, com interlúdios –, Francisco José Leandro observa a existência de uma segunda fase nas relações bilaterais, embora ainda de forma “muito insípida”, por ser “difícil abrir a cooperação” devido à situação interna do país africano. “Não aconteceu muito, mas o que aconteceu foi importante para criar uma certa relação de confiança entre os dois actores”, afirma o académico.

É já no contexto da reconstrução nacional angolana que as relações bilaterais se projectam e a China se torna no principal financiador do país africano, assinala Carlos Rosado de Carvalho. Na história dos 40 anos de relações bilaterais, o economista assinala como momento mais marcante o primeiro empréstimo



© ANHUA / ALAMY STOCK PHOTO

Visita do Chefe de Estado angolano, João Lourenço (esq.), à China, em Setembro de 2018, durante a qual se encontrou com o Presidente chinês, Xi Jinping (dir.)

da China a Angola, que chega em 2004: tratou-se de uma linha de crédito no valor de dois mil milhões de dólares americanos, contratualizada com o Banco de Exportações e Importações da China, entidade estatal chinesa também conhecida por Eximbank.

“É a primeira vez que um Estado oferece uma alternativa ao sistema de Bretton Woods”, criado no seguimento da Segunda Guerra Mundial, aponta Francisco José Leandro. A solução chinesa então encontrada para apoiar Angola passou por um crédito concessional, isto é, com “um período de amortização muito mais longo, uma taxa de juro muito mais baixa, sem carestias, por oposição aos créditos comerciais”, nota o académico. Associada a esta alternativa chinesa, estava um chamado “oil-backed loan”: empréstimo garantido em petróleo, ou seja, que implicava o fornecimento de quantidades regulares de petróleo, sendo o valor da venda utilizado para o serviço da dívida.

“Os primeiros empréstimos que chegam fazem disparar a economia angolana” e, segundo Francisco José Leandro, a partir desse momento, “há uma intensificação” na relação dos dois países.

### Gestão cautelosa

Desde 2004, foram várias as linhas de crédito e empréstimos concedidos por entidades chinesas a Angola. O embaixador da nação africana em Pequim assegura que o país tem tido o “cuidado de não exceder” as suas capacidades de endividamento no que toca ao relacionamento com a China.

Na área das infra-estruturas, o papel das empresas chinesas tem sido particularmente relevante: até hoje, foram responsáveis pela construção em Angola de cerca de 3000 quilómetros de caminho-de-ferro, 20.000 quilómetros de estrada, 100 mil fogos de habitação social, 100 escolas e 50 hospitais, de acordo com dados providenciados pelo embaixador chinês em Luanda. São vários os exemplos de obras, concluídas ou em execução: a Barragem de Caculo Cabaça e o novo Aeroporto Internacional de Luanda são dois

## Aproximar povos e culturas

OS 40 anos das relações diplomáticas oficiais entre a República Popular da China e Angola marcam também o aproximar de dois povos. Em particular na última década, têm-se sucedido as iniciativas com vista a melhorar o conhecimento da realidade chinesa por parte dos habitantes do país lusófono.

Para mitigar diferenças entre os angolanos e os chineses residentes na nação africana, a Câmara de Comércio Angola-China tem um programa radiofónico semanal na Rádio Nova, com sede em Luanda, em que os protagonistas são empresários chineses com investimentos em solo angolano. O presidente da câmara de comércio, Luís Cupenala, conta que os empresários falam, sobretudo, “da sua vida em Angola, dos seus negócios, da cultura, da sociedade, do desporto e também falam de culinária”. O foco alarga-se dos negócios à relação de co-habitação, “para dizer que, apesar de sermos diferentes povos, de diferentes culturas, temos um futuro comum”.

A educação pode ser também factor de aproximação de povos. Neste quadro, Francisco José Leandro, director associado do Instituto de Investigação para os Países de Língua Portuguesa da Universidade Cidade de Macau, destaca as bolsas de estudo que a China oferece a alunos angolanos para estudarem em universidades chinesas, e que ascendem actualmente a mais de 300. “São um excelente indício de um bom futuro”, aponta. “É por aí que se constroem relações bilaterais fortes.”

Na área da divulgação da língua e cultura chinesas, Angola tem, desde 2015, um Instituto Confúcio na Universidade Agostinho Neto (foto), em Luanda. Nos últimos anos, o instituto formou várias centenas de pessoas em diferentes níveis de mandarim. ◀



“A China tem sido o maior parceiro comercial de Angola, o maior mercado de exportação e uma importante fonte de investimento durante muitos anos

**GONG TAO**  
EMBAIXADOR DA CHINA EM LUANDA



“O nosso desejo é que as empresas chinesas se instalem em Angola, que produzam em Angola e que tudo o que for exportado tenha valor acrescentado

**JOÃO NETO**  
EMBAIXADOR DE ANGOLA EM PEQUIM

projectos actualmente em desenvolvimento considerados essenciais para o país, sendo que a nova estrutura aeroportuária deve entrar em funcionamento ainda este ano.

Olhando para o que tem sido feito no campo da cooperação sino-angolana, o presidente da Câmara de Comércio Angola-China (CAC), Luís Cupenala, conclui que houve “sempre consistência do ponto de vista do investimento” chinês no país africano. Um caminho que, está certo, vai continuar: “Com a abertura da China [após a pandemia da COVID-19], com certeza, a fluidez da circulação de pessoas, de tecnologia e capitais vai aumentar ainda mais e estamos a prever um incremento maior, sobretudo no investimento privado”.

Parte da estratégia de desenvolvimento angolana, Luanda quer diversificar a economia nacional, com o objectivo de reduzir a dependência do sector petrolífero e promover uma melhor exploração de outros recursos naturais. Segundo o embaixador João Neto, o país tem vastos terrenos aráveis e recursos hídricos, além de uma costa rica, e necessita da “capacidade tecnológica e financeira da China” para explorar essas mais-valias. “O nosso desejo é que as empresas chinesas se instalem em Angola, que produzam em Angola e que tudo o que for exportado tenha valor acrescentado.”

Neste processo de diversificação, a China pode ser um modelo de desenvolvimento a ter em conta. Afinal, o percurso do país asiático nas últimas décadas levou-o a segunda maior economia do planeta, aponta Luís Cupenala. Pequim pode “ajudar na forma como é que Angola, com base na experiência da China, pode agregar valor”, diz o responsável.

É neste desígnio da diversificação que surge o mais recente investimento da Huawei em Luanda. A empresa chinesa inaugurou no ano passado um parque tecnológico, avaliado em 80 milhões de dólares americanos. Associado ao projecto, com 32 mil metros quadrados, está um plano para promover, nos próximos cinco anos, a formação técnica de 10.000 angolanos em áreas ligadas à tecnologia, digitalização, inovação e telecomunicações.

## Macau com papel útil nos laços China-Angola

**A**NGOLA vê na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) uma janela para cooperar com a China, pelo “conjunto de experiências” do território, que podem ser “muito úteis” para o país africano. As palavras são do Embaixador de Angola em Pequim, João Salvador dos Santos Neto, que aponta o turismo como um dos sectores em que a RAEM pode desempenhar um papel importante. “Temos potencialidades naturais que nos permitem um turismo dinâmico. Pensamos que Macau tem muito para nos transmitir e para cooperar connosco nesse sentido”, diz o diplomata.

O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa – com base na RAEM e por isso conhecido como Fórum de Macau – é também olhado como uma plataforma de desenvolvimento e cooperação dinâmica. Para além do trabalho do organismo nas áreas económica e comercial, o embaixador angolano destaca outros sectores de actividade do Fórum de Macau, porventura menos mediáticos, a começar pela formação de recursos humanos.

“Sem a preparação dos nossos quadros, a transformação [do país] não será possível. E a China tem desempenhado um papel fundamental e o

Fórum de Macau, com apoio da Fundação Macau, também tem desempenhado um papel extremamente importante”, afirma João Neto, que esteve na RAEM em Março, a propósito das celebrações dos 20 anos do Fórum de Macau.

Para Francisco José Leandro, director associado do Instituto de Investigação para os Países de Língua Portuguesa da Universidade Cidade de Macau, o Fórum de Macau é “complementar às relações bilaterais” entre a China e Angola. O académico explica: para “tudo aquilo que vai além da relação entre os Estados”, nomeadamente para o estímulo de laços entre “actores não-Estado, mas que são agentes económicos na mesma”, Macau e o Fórum de Macau “são o sítio ideal para que isso aconteça”.

Francisco José Leandro nota o papel do Governo de Macau – e do território como um todo – como “facilitador” da criação de redes de trabalho, no âmbito do posicionamento da região como plataforma de cooperação sino-lusófona. “Para mim, ‘plataforma’ é tudo o que tem a ver com os agentes económicos não-governamentais. Tudo o que envolve cultura, os negócios, as feiras, a educação. Tudo o que ajuda a criar o próprio ‘networking’.”

Além da vertente da formação de quadros, o embaixador de Angola em Pequim considera que a iniciativa da Huawei será igualmente importante para a dinamização do tecido empresarial angolano. “Anualmente serão formados cerca de dois mil jovens angolanos. A partir da formação que obtenham, poderão desenvolver projectos próprios”, aponta João Neto.

A aposta que vem sendo feita na modernização e nas infra-estruturas do país africano com recurso a apoio chinês não se pode dissociar da iniciativa “Uma

Faixa, uma Rota”, a que Luanda aderiu em 2018. “Creio que, se olharmos para algumas transformações que ocorrem no nosso país, notamos que há uma participação muito séria das empresas chinesas”, refere João Neto.

A favor do país africano está também a sua localização que, acrescenta o diplomata, permite que “Angola possa desempenhar um papel fundamental a nível da sub-região e depois esta influência se alastre para outras zonas da África e mesmo do mundo”.

## COMUNIDADES

# “O IMPORTANTE PARA O MACAENSE É TER NOÇÃO DA SUA DIFERENÇA”

Multifacetada, culturalmente híbrida e plurilíngue, a comunidade macaense possui os atributos necessários para abraçar o projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. O veredicto é de Miguel de Senna Fernandes, presidente da Associação dos Macaenses, que olha para os desafios como oportunidades para a comunidade

Texto | Marco Carvalho

**P**RAGMÁTICOS, um pouco supersticiosos, mas profundamente realistas. O retrato, traçado a pinceladas largas e espontâneas, por Miguel de Senna Fernandes, ilustra uma visão dos macaenses que não é nem unânime, nem inequívoca.

A comunidade, apesar de pequena, tem diferentes leituras sobre quem são e o que reserva o futuro aos “filhos da terra”, mas o presidente da Associação dos Macaenses está convicto de que estas são algumas das características que podem fazer com que os macaenses se continuem a prefigurar como uma mais-valia tanto para o território, como no âmbito mais abrangente da região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

O debate sobre o que está na essência da identidade macaense está longe de ser um capítulo encerrado e a Associação dos Macaenses tenciona promover um novo colóquio sobre a questão num futuro muito próximo, diz o advogado e dirigente associativo. Mas, acrescenta, as características e os valores nos quais a comunidade se fundamenta são um garante de que os macaenses – a título pessoal ou colectivamente – se mantêm relevantes e que o contributo que podem dar constitui um trunfo para Macau.

Entre os valores e convicções partilhados pelos que dão corpo à mundialvidência maquista, sustenta Miguel de Senna Fernandes, um há em que a concordância é total: “Há certas questões que, quando falamos dos macaenses, têm de ser sempre colocadas. Há certos traços. Por mais que queiramos falar,

por mais que queiramos debater, tudo se reduz a esses traços: mestiçagem e um apego a Macau. Macau é tudo para um macaense”.

E acrescenta: “Temos mestiços e são de Macau. E que mais? Há uma ligação muito forte, ainda que remota, a um espaço cultural mais vasto, que eu chamaria de espaço da lusitanidade. Este conceito não é incólume a críticas, mas exprime essa ligação, que é uma ligação que existe de facto e que começa pelos próprios nomes das pessoas. O que está em causa não é o facto de um macaense falar ou não português. Isto não interessa. O importante para o macaense é ter noção da sua diferença. Isto é que é importante”.

### **Estratégia de sobrevivência**

Da encruzilhada secular de culturas e povos de onde emergem os macaenses, a comunidade herdou uma apetência natural, quase inata, para o vanguardismo e a reinvenção, sem nunca comprometer aquilo que são nela os traços essenciais.

Foi assim no passado e assim deve continuar a ser no futuro, até porque a estratégia, defende o mesmo responsável, tem mostrado ser relativamente bem-sucedida.

“Não foi por acaso que, há mais de cem anos, uma parte da comunidade macaense decidiu estudar em inglês, por exemplo. São tão macaenses como qualquer um, não falam português”, refere Miguel de Senna Fernandes, que preside à Associação dos Macaenses desde 2006. “Tudo isto é uma estratégia de sobrevivência e é uma estratégia de



Miguel de Senna Fernandes, presidente da Associação dos Macaenses

sobrevivência com que os macaenses foram confrontados desde cedo. Se recuarmos até à fundação de Hong Kong, já encontrávamos aí esta estratégia de sobrevivência”, defende.

“Andamos agora a falar da Grande Baía. Há mais de vinte anos que os macaenses se começaram a preparar para isto. É claro que nunca se pensou especificamente no projecto com estes contornos, mas a comunidade há muito que se está a preparar para que um dia possa trilhar um futuro aqui, em Macau, ou mesmo no Interior da China”, sublinha o também activista cultural. “Não é por acaso que, de mais de vinte anos a esta parte, os macaenses decidiram colocar os seus filhos a estudar em chinês. Há uma razão para isso e essa razão é o pragmatismo.”

Um tal pragmatismo, aliado a uma rápida capacidade de adaptação, pode fazer a diferença no contexto de integração jurídica, política e social em que se alicerça o projecto da Grande Baía. Multifacetado, culturalmente híbrido e senhor de uma experiência plurilinguística incomparável, o macaense tem tudo para ser bem-sucedido.

“É precisamente o que nos faz diferentes que nos pode ajudar. Eu tenho competências linguísticas para discutir, a todos os níveis, com qualquer cidadão da Grande Baía. O macaense tem competências linguísticas. No meu entender, só lhe falta fazer valer a sua costela macaense. Se, na esfera da Grande Baía, isto pode ser uma mais-valia para os macaenses? É claro que sim”, argumenta Miguel de Senna Fernandes.

### Velhos e novos desafios

A diluição de Macau numa realidade política e económica mais abrangente exige capacidade de adaptação, mas não assusta os “filhos da terra”. Tal não significa, porém, que a comunidade e a própria Associação dos Macaenses não tenham em mãos desafios prementes.

A pandemia da COVID-19 deixou sequelas que estão a afectar quer o funcionamento, quer as perspectivas de futuro da organização.

“Inicialmente foi o desejo de se preservar uma identidade que levou à criação da Associação dos Macaenses. Esta identidade preserva-se através do movimento associativo. Isto é uma característica muito própria de Macau. Perante a perspectiva de um futuro

incerto, é claro que a comunidade se sentiu minimamente preocupada com o seu futuro”, reconhece o dirigente.

“No fundo, os objectivos não se alteraram. É a defesa de uma identidade, sob diversas formas e através de vários meios possíveis. Um dos meios fundamentais para isto são os convívios”, assume Miguel de Senna Fernandes. “Muitas vezes as pessoas têm tendência para considerar os convívios como apenas uma festa, mas é evidente que o aspecto fundamental dos convívios é a possibilidade de se fortalecer relações. Isto é fundamental para uma comunidade.”

O encerramento da cantina da Associação dos Macaenses, uma decisão motivada pela COVID-19, desferiu um rude golpe na capacidade de a organização levar a bom porto o principal desígnio a que se propõe: congregar regularmente os associados e os membros da comunidade.

“A Associação quer, para já, voltar a focar-se naquilo que é a nossa comunidade. A pandemia veio mexer, realmente, com tudo. A própria vida comunitária sofreu imenso e há que reequacionar tudo. Se não temos dinheiro, há que pensar em maneiras de fazer dinheiro. Há que pensar em fazer receitas. Esta é uma associação sem fins lucrativos, mas mesmo não tendo fins lucrativos, precisa de receitas”, admite o dirigente.

“É fundamental que consigamos colocar as pessoas a falar, que possamos voltar a ser um local de congregação. Se conseguirmos juntar regularmente os macaenses, num único momento que seja, eu dou-me por satisfeito”, assegura Miguel de Senna Fernandes. ▲

---

É fundamental que consigamos colocar as pessoas a falar, que possamos voltar a ser um local de congregação

---

**MIGUEL DE SENNA FERNANDES,**  
PRESIDENTE  
DA ASSOCIAÇÃO  
DOS MACAENSES

---



◀ VER VÍDEO AQUI



Leia esta e outras edições  
no website da **Revista Macau**



[www.revistamacau.com.mo](http://www.revistamacau.com.mo)

App da Revista Macau disponível em:



A man with dark, wavy hair and glasses is sitting in a studio. He is wearing a black zip-up hoodie over a dark t-shirt. He has a slight smile and is looking towards the camera. To his right, the arm and hand of another person wearing a black dress and a watch are visible. The background is dark with a soft light source on the left.

CINEMA EM MACAU

# Por detrás da câmara: histórias de paixão e perseverança



Dezenas de horas de filmagens, tantas outras de edição e, acima de tudo, muita paixão e dedicação. Três jovens realizadores locais falam à Revista Macau sobre os desafios por detrás da câmara e os passos necessários para desenvolver a sétima arte no território

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

**M**OSTRAR um mundo distópico ou contar vivências pessoais através de filmes é mais do que apenas um exercício criativo. O cinema representa arte, história, cultura e ajuda a difundir a mensagem que o realizador quer passar ao público, revestindo-se de um papel social de inquestionável importância, referem os cineastas locais Hong Heng Fai, Chan Nga Lei e Lam Kin Kuan.

À conversa com a Revista Macau, os três realizadores sublinham que a indústria cinematográfica em Macau está ainda a dar os primeiros passos e que o caminho terá de ser trilhado na superação de vários obstáculos. Mas as dificuldades, realçam, não irão deter o desenvolvimento de um sector que tem estado em franca expansão nos últimos anos e que apresenta já alguns casos de êxito, quer na língua chinesa, quer nas línguas portuguesa e inglesa.

Mas quem são estes jovens cineastas de Macau e como vêem o estado actual da indústria?

Hong Heng Fai está envolvido no mundo do cinema há mais de dez anos. Em 2022, a sua longa-metragem de estreia tornou-se no primeiro filme de Macau a ser nomeado para os prémios “Cavalo de Ouro” em Taiwan, na categoria de “Melhor Novo Realizador”. O filme “Kissing the Ground You Walked On” foi também exibido no início deste ano no Festival Internacional de Cinema de Roterdão, um dos maiores festivais do cinema europeu.

Chan Nga Lei foi recentemente agraciada com a Medalha de Mérito Cultural pelo Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Realizadora e argumentista, as suas obras ganharam vários prémios ao longo de uma década. O filme “Madalena”, integralmente filmado em Macau e estreado em 2021, recebeu o prémio de “Melhor Filme de Macau, China” na 33.ª edição dos Prémios Huading, uma das cerimónias mais influentes do sector na China.

Com um mestrado em Cinema Documental pela





Ser realizador é um papel que desempenhamos, um cargo, mas ainda não é uma carreira nem uma ocupação a tempo inteiro

**HONG HENG FAI**

conceituada Goldsmiths College, da Universidade de Londres, Lam Kin Kuan divide o seu tempo entre a realização de filmes, a curadoria de festivais de cinema e as responsabilidades de professor. O realizador começou o percurso cinematográfico no mundo dos documentários e fez a sua primeira curta-metragem, “Illegalist”, em 2017.

Lam Kin Kuan foi também um dos fundadores do Festival Internacional de Documentários de Macau, em 2016, para que o público local pudesse ter acesso

a documentários com uma linguagem cinematográfica única que abordasse questões profundas.

### Indústria com futuro

Comum ao percurso dos três realizadores é o facto de terem começado a carreira na sétima arte através de curtas-metragens, um cenário que tem vindo a evoluir, muito devido aos apoios providenciados pelo Governo de Macau.

O “Plano de Apoio à Produção Cinematográfica

de Longas Metragens”, o “Rush: 48 Horas a Abrir” e o “Macau – O Poder da Imagem” são programas de apoio lançados pelas autoridades locais que ajudam jovens cineastas a produzirem o seu primeiro filme.

“Quando tinha 24 anos, procurei apoios financeiros para realizar um filme e foi uma tarefa muito difícil”, realça Chan Nga Lei, acrescentando que se estes programas governamentais estivessem disponíveis naquela altura, “teria sido muito mais fácil” lidar com todo o processo. A viabilização financeira de qualquer projecto cinematográfico continua a ser



o “maior desafio” para quem quer realizar filmes em Macau, sublinha.

Uma opinião que encontra eco nas vozes dos outros dois realizadores. Hong Heng Fai explica que os “novos realizadores precisam de financiamento para fazer o primeiro filme, que será o cartão de visita quando se apresentam”. Com estes programas de apoio, defende, “é um prazer ser realizador em Macau”.

Olhando para o futuro, Lam Kin Kuan considera que a concretização de um projecto “dá renovada esperança aos realizadores”, pois uma maior facilidade em obter financiamento “dá confiança para continuar a filmar”.

Mas o facto de a indústria cinematográfica de Macau ser ainda muito jovem também traz vantagens, destacam os cineastas. “Podemos tentar novos modelos e as mais variadas formas de fazer filmes”, sem estar ancorados aos formatos tradicionais, explica Chan Nga Lei.

No actual contexto, Macau pode começar a explorar cada vez mais a produção de filmes de índole mais comercial, defende a realizadora. “À medida que há mais investidores a acreditar que nós podemos desenvolver a indústria cinematográfica local, haverá maior disponibilidade para investir, e o sector terá uma base mais sustentável para crescer”, acrescenta.

Lam Kin Kuan partilha da mesma opinião. “Não é normal que a cultura cinematográfica seja ainda

tão inócua como é em Macau, mas acredito que isto significa que a indústria tem um grande potencial de crescimento e que vale a pena tentar ver até onde a podemos desenvolver.”

O interesse do público por filmes rodados em Macau é uma realidade, não apenas no território, mas também além-fronteiras.

Além dos palcos internacionais, a longa-metragem de Hong Heng Fai estreou em Hong Kong, em Abril, na 47.ª edição do Festival Internacional de Cinema de Hong Kong, e também em Macau.

Mas há também outros casos de sucesso na filmografia de Macau, como o filme “Hotel Império”, do realizador Ivo M. Ferreira, uma longa-metragem que foi integralmente rodada em Macau, com um elenco internacional. O filme foi exibido não só no território, mas também em festivais no Interior da China, no Brasil e em Portugal, antes de chegar às salas de cinema portuguesas no início de 2019.

Também Maxim Bessmertny faz parte dos realizadores com vários títulos estreados em Macau, maioritariamente curtas, como “Dirty Laundry” (2019) e “The Handover” (2020). O realizador está agora a trabalhar na sua primeira longa-metragem, “The Violin Case”, cujas filmagens percorrem vários locais de Macau.

## Viver para os filmes

Em Macau, porém, a maior parte das pessoas envolvidas em projectos cinematográficos fá-lo mais por paixão do que por sustento. Não conseguem ainda viver dos filmes, apesar de dedicarem grande parte da vida à sua criação.

É ainda comum a percepção de que a produção de um filme é apenas um processo criativo e não uma carreira profissional como tantas outras, lamentam os realizadores.

Esta visão ainda restritiva da indústria resulta numa dificuldade acrescida para que “as pessoas ligadas ao cinema” – como se descrevem – obtenham os apoios necessários para se poderem concentrar exclusivamente na produção de filmes.



Penso que o cinema é também uma questão de marketing, temos de saber como atrair os investidores

**CHAN NGA LEI**



Mesmo os realizadores locais com filmes exibidos em palcos internacionais não se assumem como cineastas. “Ser realizador é um papel que desempenhamos, um cargo, mas ainda não é uma carreira nem uma ocupação a tempo inteiro”, sublinha Hong Heng Fai.

Chan Nga Lei revela que a sua “carreira de eleição” seria como argumentista. “Há cerca de dez anos disse a mim mesma que gostaria de ter uma carreira como realizadora. Mas, mais tarde, especialmente depois de ser mãe, tive de ter outros aspectos em consideração, algo que acabou por me distanciar do papel de realizadora, mas que me levou à escrita de guiões para filmes.”

Já Lam Kin Kuan divide a sua paixão por várias tarefas ligadas ao mundo do cinema. Professor na área da produção de filmes, é também o principal dinamizador do evento local dedicado a documentários, curador de outros eventos cinematográficos, para além de passar várias horas envolvido na realização e edição de filmes.

“É importante que me possa dedicar a várias funções relacionadas com filmes, uma área na qual ainda existem vários desafios em Macau. Tenho de me desdobrar em todas estas tarefas para apoiar o meu trabalho como realizador”, diz Lam Kin Kuan.

Uma das dificuldades é quando a função do realizador abrange todos os estágios da produção de um filme, desde a pré-produção até à edição final. Em Macau, conta Chan Nga Lei, é comum a necessidade de se assumir os papéis de argumentista, realizador e produtor. “Isto impede que nos possamos concentrar exclusivamente na produção propriamente dita”, refere.

A solução, sugerem os três realizadores, passa por industrializar a produção cinematográfica, para que haja equipas multidisciplinares e as pessoas se possam concentrar em diferentes tarefas.



**Acredito que a indústria local tem um grande potencial e que vale a pena tentar ver até onde a podemos desenvolver**

**LAM KIN KUAN**

“Enquanto se encarar a produção de um filme meramente como um processo criativo, será difícil alterar o status-quo”, comenta Lam Kin Kuan. “O que devemos fazer é pensar em modelos para transformar este processo numa indústria, na qual possamos ter uma carreira.”

### Formar talentos

Várias instituições académicas de Macau oferecem actualmente licenciaturas nas áreas do cinema e audiovisual, existindo também diversas associações locais que disponibilizam cursos de formação. Esta oferta,

referem os realizadores, é importante para formar talentos locais para o sector. Além disso, há muitos jovens de Macau que vão estudar cinema para o estrangeiro e que acabam por voltar para o território.

Mas o que mais pode ser feito para reforçar a formação de profissionais qualificados para o sector? O melhor modo, defende Hong Heng Fai, é encorajar a formação “através da prática”, envolvendo os jovens no maior número possível de projectos.

Lam Kin Kuan refere que alguns dos planos de apoio do Governo de Macau, como o Plano de Financiamento de Estudos nas Áreas das Artes e Cultura, são uma base sólida para o futuro profissional. “Eu sou um exemplo de como este plano pode ajudar a formar talentos”, diz, realçando que beneficiou do programa para complementar a formação em Londres, onde aprendeu a promover filmes e até a organizar festivais de cinema.

Por seu turno, Chan Nga Lei lembra que o cinema não é somente arte ou cultura, mas é também um negócio. “Já participei anteriormente em alguns projectos cinematográficos, incluindo promoções realizadas fora de Macau, que são oportunidades para aprendermos a promover as nossas propostas”, salienta.

“Penso que o cinema é também uma questão de marketing, temos de saber como atrair os investidores”, refere a realizadora, acrescentando que esta é uma área que ainda tem de ser trabalhada em Macau.

Chan Nga Lei rebate a afirmação de que um filme de Macau tem de ser inteiramente produzido na cidade. “Antes achava que sim, que toda a equipa tinha de ser composta por pessoas de Macau e que o filme tinha de ser filmado cá”, conta. Porém, salienta, as equipas actualmente podem ser mais diversas e os projectos devem explorar outros mercados, sem perder a sua identidade. “Os filmes que faço continuam a ser filmes de Macau.”

Uma coisa é certa, garantem os três realizadores: o desenvolvimento do cinema em Macau vai ainda nas primeiras cenas, mas os esforços que estão a ser feitos actualmente alimentam a esperança de que a indústria local se tornará mais madura e sustentável no futuro. ▶

**VER VÍDEO AQUI**



PATRIMÓNIO

# Preservar valores, divulgar a história

São mais de 20 mil artefactos históricos e um número ainda maior de documentos, não só sobre a implementação da Igreja Católica no Oriente, mas também acerca do desenvolvimento de Macau. No espólio da Diocese de Macau, há muitos tesouros para descobrir, que, de forma gradual, começam a ser disponibilizados ao público

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

**T**ODOS os dias, são dezenas os turistas que se fazem fotografar em frente do Paço Episcopal de Macau, junto da Sé Catedral. O que poucos desses visitantes parecem saber é que, para lá das vetustas paredes amarelas do edifício histórico construído

em meados de 1835, se escondem tesouros de valor incalculável, contando vidas de há vários séculos.

Para chegar ao âmago desse espólio, é necessário atravessar um longo corredor. O Departamento Diocesano de Arquivos Históricos e Património Cultural de Macau é ainda um projecto em desenvolvimento, mas é já possível ao público aceder a serviços – embora limitados – de pesquisa e consulta de informação, disponíveis através de inscrição prévia.





Os documentos no arquivo da Diocese de Macau ajudam a contar a história da evolução da Igreja Católica no Oriente



## A arte de bem restaurar

**U**MA das funções mais importantes do Departamento Diocesano de Arquivos Históricos e Património Cultural de Macau é o restauro de objectos e documentos. O desafio começa logo na selecção daquilo que deve ser alvo de atenção. “Devido a limitações de mão-de-obra e financeiras, temos que seleccionar os itens que necessitam de restauração de forma mais urgente”, nota o director do departamento, Benedict Keith Ip Ka Kei.

O acto de restauro exige o domínio de técnicas especializadas e uma compreensão detalhada da peça em mãos, explica o responsável. Em vários casos, são necessários conhecimentos religiosos de nível avançado, visto que muitos itens do espólio da Diocese de Macau são de âmbito eclesial.

Antes, há questões éticas a abordar. Qual a extensão e profundidade dos tratamentos de restauro a adoptar para cada artigo, de forma a respeitar e valorizar o seu significado estético,

histórico e espiritual, bem como a sua integridade física? A resposta não é simples, admite Benedict Keith Ip.

O responsável dá o exemplo de uma representação das insígnias da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (ver foto), datada do século XIX. A parte esquerda do objecto demonstra o estado em que este se encontrava quando foi colocado sob a alçada do Departamento Diocesano de Arquivos Históricos e Património Cultural. Ao centro, é possível ver a base do artefacto, despida de pinturas. Por fim, a parte da direita encontra-se restaurada à imagem da versão original.

Benedict Keith Ip lança a questão: qual das três formas encerra o melhor exemplo de restauro? “Temos as técnicas necessárias, podemos restaurar qualquer objecto à sua forma original, mas será que isso é positivo? Será que o valor que carrega continuará a ser o mesmo?”, pergunta. ▲



Benedict Keith Ip Ka Kei, director do Departamento Diocesano de Arquivos Históricos e Património Cultural de Macau

O guardião-mor dos arquivos e património da Igreja Católica local é Benedict Keith Ip Ka Kei, que dirige o departamento. É pelas suas mãos – e da equipa que lidera – que passa a responsabilidade de catalogar e valorizar os mais de 20 mil objectos e uma quantidade ainda maior de documentos históricos que estão na posse da Diocese de Macau, dispersos em várias localizações.

O responsável assinala que os artigos em causa ajudam a explicar e compreender a relação – com mais de quatro séculos – entre o desenvolvimento da Igreja Católica em Macau e a evolução da cidade. “Queremos que o público veja que a Igreja Católica esteve sempre presente nas suas vidas”, diz. “Temos avançado lado

a lado com a população de forma silenciosa.”

### Valor universal

O espólio da Diocese de Macau, fundada em 1576, conta histórias sobre a história do território. Mas não só. Benedict Keith Ip sublinha que a importância destes arquivos e património extravasa as fronteiras da cidade. Quem queira traçar uma historiografia da expansão da Igreja Católica no Oriente dificilmente o pode fazer sem examinar os documentos guardados em Macau.

O responsável dá o exemplo de uma equipa de investigadores sul-coreanos que recentemente consultou os arquivos para recolher informação sobre André Kim Taegon, considerado o primeiro sacerdote

católico coreano e mártir declarado santo, que estudou teologia em Macau. “Ele viveu na área perto do Jardim Luís de Camões [onde hoje existe uma estátua em sua homenagem], numa pequena habitação”, diz Benedict Keith Ip. “Algumas equipas coreanas estão de facto curiosas sobre a vida deste santo em Macau, gostariam de visitar o local onde viveu, o que também nos permite saber mais sobre ele.”

Os arquivos da Diocese de Macau mostram-se relevantes mesmo para quem procura traçar historiografias privadas de âmbito familiar. “De vez em quando, somos contactados por estrangeiros que buscam informações sobre antepassados seus que viveram em Macau há muito tempo”, afirma o director.

# Alguns tesouros da Diocese de Macau

O ESPÓLIO da Diocese de Macau é rico em diversidade e valor. Muitas peças, além de simbolismo religioso, possuem forte ligação a Macau.

Um dos objectivos do estabelecimento do departamento em 2020 foi assegurar a preservação, de forma sistematizada, dos valiosos arquivos históricos e património cultural da Igreja Católica de Macau. O trabalho inclui a catalogação, tratamento e gestão dos artefactos e documentos na posse da Diocese, de forma a facilitar a sua disponibilização e consulta. Também são realizados trabalhos de conservação e restauro. O departamento está sob a alçada directa do bispo.

O projecto de criação de uma unidade dedicada aos arquivos e património cultural da Igreja local surgiu no seguimento da inclusão, em 2010, de uma colecção de arquivos da Diocese de Macau no registo “Memória do Mundo” da Organização

das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Os documentos em causa, em português e latim, reportam-se à presença dos jesuítas no território entre 1550 e 1800: tratam-se, entre outros, de diários de missionários, correspondência de bispos de Macau trocada com homólogos das regiões vizinhas e com Roma, bem como material didáctico desenvolvido por jesuítas, como um dicionário mandarim-português.

“A UNESCO considerou que os dados sobre os nossos missionários estavam relativamente bem preservados e podiam efectivamente reflectir a linha temporal do desenvolvimento da Igreja e da sociedade no Extremo Oriente”, explica Benedict Keith Ip. Nesse seguimento, a Diocese

## Retratos dos bispos de Macau

Ao entrar na sala de conferências do Paço Episcopal, o visitante é saudado por 23 pinturas a óleo penduradas nas paredes: são retratos dos vários bispos de Macau. As pinturas, de diferentes períodos, estilos e por artistas distintos, estão a ser alvo de restauro por grupos.

Os retratos permitem compreender a paisagem religiosa de Macau

em diferentes momentos. Por exemplo, o retrato de D. Jerónimo José da Mata, bispo entre 1845 e 1862, apresenta o religioso segurando um conjunto de plantas arquitectónicas, em referência à reconstrução da Sé Catedral, que ocorreu durante o seu mandato.

Já o retrato de D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, cujo bispado decorreu entre

1873 e 1883, tem a curiosidade de ter sido realizado no Japão, utilizando tintas e técnicas japonesas, algo que só foi revelado durante o processo de restauro.



decidiu criar um grupo de trabalho para se debruçar sobre o seu espólio, liderado pelo padre Luís Lei Xavier, que viria a falecer em 2016. “Desde então, temos continuado o seu trabalho de catalogação e apresentação dos arquivos ao público, de uma forma eficaz”, diz o director do Departamento Diocesano de Arquivos Históricos e Património Cultural.

## Proteger e partilhar

Benedict Keith Ip considera que uma porção cada vez maior da sociedade entende a importância de valorizar os arquivos históricos de uma comunidade e de proteger o seu património. “Isto não é possível se apenas depender de alguns, é uma tarefa de todos”, afirma.

## Bastão do governador

Nos tempos da administração portuguesa de Macau, quando um novo governador tomava posse, recebia um bastão – também conhecido como "bastão do governador" ou "bastão de comando" – como sinal da transferência de poder. De seguida, o novo governador depositava-o na Sé Catedral, aos pés da Nossa Senhora da Conceição.

Um dos artefactos de grande valor simbólico na posse da Diocese de Macau é um bastão do governador com as insígnias reais portuguesas. O valioso objecto, entretanto restaurado, terá sido oferecido pela comunidade portuguesa de Xangai em 1865 ao então Governador de Macau José Rodrigues Coelho do Amaral.



## Estátua de Nossa Senhora da Imaculada Conceição

Esta representação em madeira foi inteiramente esculpida em Portugal no século passado e enviada para Macau. Colocada na Igreja do Seminário de São José, acabou por ser removida e substituída por uma réplica, devido à falta de estabilidade do original. No entanto, para assegurar a durabilidade da réplica, foram utilizados materiais modernos, ao invés do recurso a madeira. Enquanto a réplica mantém intacto o simbolismo religioso, o original – e o seu valor histórico – estão protegidos.



“A nossa Igreja colocou esperança no futuro ao preservar estes artefactos”, acrescenta o responsável, considerando ser crucial perceber o passado para compreender o futuro. O director do departamento sublinha que, caso a Diocese tivesse apenas conservado os objectos e documentos de maior relevo, guardando-os em cofres e longe do acesso público, teria havido uma perda irreparável para a herança histórica e cultural da sociedade.

Espelhando o esforço de partilhar o seu espólio com a comunidade, uma parte da colecção da Diocese de Macau está disponível em três salas de exposição na área reservada da ala velha do Seminário de São José. Estas estão abertas ao público, mediante marcação

prévia. Além disso, o Tesouro de Arte Sacra do Seminário de São José, espaço museológico de entrada gratuita, também acolhe documentos e objectos da Diocese.

Embora o seu foco seja o passado e a sua preservação, o Departamento Diocesano de Arquivos Históricos e Património Cultural tem os pés bem assentes no presente, fazendo uso de métodos e tecnologias modernos para levar a cabo o seu trabalho. Uma das apostas é a formação de talento local para os seus quadros, em particular na área do arquivismo, até porque a natureza do espólio da Diocese está muito ligada às idiossincrasias do território. Quando necessário, há recurso a especialistas externos – sejam de Macau, do Interior da

China ou do estrangeiro – para projectos de conservação mais complexos. “Embora a capacidade técnica seja importante, não é tão importante como o conhecimento e a compreensão especializada que o nosso pessoal possui, em particular dos nossos valores”, diz o director.

E é com um sorriso nos lábios que Benedict Keith Ip fala do seu dia-a-dia mergulhado no espólio histórico da Diocese. “Cada vez que nos deparamos com um artefacto, é um reencontro. Mas, da mesma forma que, embora possamos ver a mesma pessoa todos os dias, ela é diferente de dia para dia, o mesmo acontece aqui”, diz. “Como é que vemos a diferença na mesma coisa dia após dia? Essa é a parte mais interessante do nosso trabalho.”

FORMAÇÃO

# Futebol para além

A falta de espaço é um entrave ao desenvolvimento do futebol em Macau, mas dirigentes, responsáveis e treinadores não baixam os braços. Em poucos anos, dizem, já se registaram progressos com a criação de várias escolas e os frutos deste trabalho são as sementes para um futuro promissor

Texto | Nelson Moura

Fotografia | John Mak

○ INTERESSE pelo futebol de formação em Macau faz crescer várias escolas e academias pelo território fora. A paixão pelo desporto-rei é cada vez maior e, tal como um amor que permanece para a vida, o primeiro contacto ocorre ainda em tenra idade.

Nos vários cantos da cidade, crianças de diferentes idades não tiram os pés dos campos de futebol. Quem corre por gosto, não cansa, e estes são dias de treino e diversão, com muita correria, fintas, chutos e golos. Junto às linhas, muitos pais, familiares e amigos permanecem atentos a cada pormenor.

Existem actualmente sete escolas privadas de futebol juvenil em Macau e uma escola pública, de acordo com o Instituto do Desporto de Macau (ID). Estas instituições procuram passar conhecimento futebolístico aos seus alunos, mas, ainda mais importante, ajudá-los a crescer.

O futebol de formação, referem à Revista Macau dirigentes e treinadores ligados à modalidade, vai



# dos resultados



Macau conta actualmente com oito escolas de futebol, de acordo com dirigentes desportivos



O futebol feminino tem vindo a ganhar expressão nos relvados do território

bastante além dos resultados, pois vencer jogos e celebrar os troféus não é o essencial. O sucesso, descrevem, passa por ajudar os jovens rapazes e raparigas a navegar novas experiências no seu percurso pessoal.

Nesse sentido, sublinham, a formação é a fase mais importante no crescimento dos jovens atletas, não só dentro das quatro linhas, mas também fora, por contribuir para a criação de laços de amizade, por reforçar o conhecimento da cultura desportiva e por ajudar a moldar as suas próprias personalidades.

### **Crescente oferta**

Fundada em 2003 pelo ID em cooperação com a Associação de Futebol de Macau (AFM), a Escola de Futebol

Juvenil de Macau conta actualmente com cerca de 800 alunos dos cinco aos 13 anos de idade, que treinam em vários campos na cidade.

“O nosso principal objectivo é, através dos treinos, permitir que os alunos aprendam mais sobre futebol, desfrutem do desporto e ganhem técnica e agilidade, além de criar as condições para que consigam continuar a treinar futebol e cresçam num ambiente saudável”, diz Jess Fong Fei, chefe da Divisão de Apoio ao Associativismo Desportivo do ID.

“Fundámos a escola juntamente com a AFM, por isso, quando alguns jogadores atingem um determinado nível, são recomendados pela AFM a clubes de futebol locais, de maneira a permitir que continuem a progredir na modalidade”, refere a responsável do ID.

No que toca a planos para o desenvolvimento de futuros jogadores em Macau, Pun Veng Keong, director curricular da Escola de Futebol Juvenil, aponta que a instituição tem gradualmente aumentado o número de escalões etários sob a sua alçada.

“Anteriormente, a Escola de Futebol Juvenil costumava ter uma classe sénior e uma classe júnior, com a classe sénior dividida em sub-12 e sub-14, e a classe júnior dividida em turmas de acordo com a idade dos alunos. Agora, adicionámos turmas de nível intermédio: sub-6, sub-8 e sub-10”, explica Pun Veng Keong.

A idade de admissão na escola tem como limite jogadores para o escalão dos sub-13, visto que os jogadores dos sub-15 já competem em jogos oficiais.



O nosso principal objectivo é permitir que os alunos aprendam mais sobre futebol e cresçam num ambiente saudável

**JESS FONG FEI**  
CHEFE DA DIVISÃO DE APOIO  
AO ASSOCIATIVISMO DESPORTIVO  
DO INSTITUTO DO DESPORTO

“Assim, alguns dos jogadores sub-14 com maior potencial serão seleccionados pela AFM para integrar a equipa de formação e jogar nas ligas juvenis, com os outros destacados para as associações ou clubes de futebol local”, acrescenta Pun Veng Keong.

De acordo com os representantes desportivos, os últimos três anos vividos sob a pandemia levaram vários pais a dar maior importância à saúde física dos seus filhos, o que os levou a inscrevê-los em várias actividades desportivas, entre elas o futebol.

“O número de crianças a jogar futebol aumentou e os pais ficam muito felizes em acompanhar os filhos às várias sessões de treino. Todos sabemos que o futebol é um dos desportos mais populares do mundo”, diz o mesmo responsável.

### Começar por baixo

Diego Patriota, capitão do actual campeão da Liga de Elite de Macau, o MUST CPK (CPK), e treinador das escolas de formação do clube, afirma que o desenvolvimento juvenil sempre foi um dos objectivos primários do clube.

“Nós começámos a escola no final de 2016. A partir do momento em que um clube começa a pensar no desenvolvimento para o futuro, começa pelas camadas jovens”, aponta. “O CPK sabe que para os próximos passos e presenças em campeonatos asiáticos, toda a estrutura da academia tinha que estar bem organizada para que quando o clube atingisse esse patamar sénior, as camadas jovens estivessem minimamente estruturadas”, acrescenta.

O clube está a preparar-se para disputar a Liga dos Campeões da Confederação Asiática de Futebol na corrente época, com a confederação a exigir a qualquer equipa que participe nas suas competições a existência de um programa focado no desenvolvimento do futebol juvenil.

Além do mais, os clubes licenciados pela confederação devem ter equipas juvenis afiliadas em competições reconhecidas e devem ter formações em diferentes escalões etários.

Diego Patriota refere que a escola do CPK tem actualmente mais de 250 alunos, sendo uma das escolas privadas de futebol de maior dimensão no território. A academia do clube tem jogadores dos três aos 12 anos, bem como jovens nos escalões sub-14, sub-16 e sub-19, que participam em campeonatos juvenis.

O clube tem neste momento o privilégio de ser um dos poucos na Liga de Elite com campos para uso próprio. O campo da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla em inglês) é usado pela equipa sénior, enquanto os escalões de formação treinam no campo de futebol da Escola Internacional de Macau (TIS, na sigla em inglês), situada no mesmo complexo.

“Os planos para o futuro passam por melhorar a estrutura do clube, receber mais alunos e contribuir para o desenvolvimento do futebol local. É a nossa missão”, indica Diego Patriota. “Tem sido sempre um dos objectivos do clube, desde que começou

na quarta divisão, desenvolver atletas locais e ajudá-los a crescer.”

### Novos jogadores em campo

O jogador e treinador brasileiro recorda que, durante a pandemia, várias famílias optaram por sair de Macau, levando a uma queda no número de alunos nas várias escolas da cidade, incluindo na TIS. Mas a crise de saúde pública também teve o efeito contrário, explica Diego Patriota.

“Como algumas crianças não puderam sair do território durante três anos, alguns pais procuraram as aulas de futebol como um escape para os fins-de-semana ou as férias de Verão.” Isso “acabou por equilibrar” o número de alunos nas escolas de futebol, refere.

Uma das academias que surgiu durante a pandemia foi a Escola de Futebol Dragões Azuis, ligada ao FC



A escola de futebol da MUST CPK conta com mais de 250 alunos



A Escola de Futebol Dragões Azuis, ligada ao FC Porto Macau, abriu em meados de 2021

Porto Macau, que deu o pontapé de saída aos treinos no Verão de 2021.

“Demos a primeira aula e ficou tudo fechado a seguir [devido à pandemia]. Depois, recomeçámos e voltou tudo a fechar. Tem sido uma viagem com altos e baixos. Agora, estamos mais estabilizados e já não nos preocupamos se vai tudo fechar outra vez”, diz a presidente do clube, Diana Massada.

“Algumas escolas de futebol locais já existem há vários anos e outras surgiram nos últimos três a quatro anos. Acho que há interesse dos jovens em Macau, rapazes e raparigas, em jogar futebol e por isso faz sentido haver diferentes escolas, associações e clubes que complementem a oferta de desporto juvenil em Macau”, salienta a dirigente do FC Porto Macau.

Diana Massada considera que o período de fecho das fronteiras no território levou vários pais a procurar actividades físicas para os seus filhos, com o futebol a tornar-se numa escolha óbvia. A escola, actualmente,

conta com mais de uma dezena de alunos entre os cinco e os 12 anos, com treinos aos fins-de-semana.

A dirigente destaca que a escola ainda está a dar os seus primeiros passos, com um ambiente mais “familiar” e “comunitário”, sendo uma formação associada ao clube que milita neste momento na quarta divisão de Macau. “Temos ainda de ganhar uma maior dimensão para podermos criar equipas juvenis que possam entrar em competições, seja com outras escolas em campeonatos particulares, seja em competições oficiais”, comenta.

Uma preocupação comum aos responsáveis pelas escolas de futebol locais é a escassez de campos e espaços para os treinos, um problema semelhante até nos níveis sénior do futebol local.

“[Resolver a falta de campos] é o principal desafio porque é um problema recorrente das academias. Às vezes, é necessário cancelar aulas, porque não há campos disponíveis. A partir do momento em que haja uma maior disponibilidade de campos com que se possa

trabalhar, e onde as crianças possam desfrutar do futebol, haverá uma melhoria”, realça Diego Patriota.

“Conseguimos ver, aqui ao lado, em Hong Kong, ou no Interior da China, que a partir do momento em que se criam mais campos, ainda que sejam de cimento, há trabalho que pode ser feito e jogadores jovens que se desenvolvem”, acrescenta.

Diana Massada destaca que para as escolas com menores recursos financeiros é extremamente difícil encontrar espaço para treinar no território, devido à escassez de infra-estruturas desportivas. A dirigente destaca a necessidade de se investir mais no desporto juvenil, incluindo no futebol, visto que este tipo de

actividades não só ajuda a desenvolver a vertente física dos jovens, mas ensina também “regras sociais, de convivência, e a ultrapassar frustrações”.

### **Esticar as linhas**

No que toca à falta de espaços, a responsável do ID, Jess Fong Fei, admite que o número de campos de futebol em Macau é “limitado”, mas aponta que o Governo da RAEM tem envidado esforços para melhorar a situação, desde estender o horário de funcionamento dos campos para uso do público, a estabelecer parcerias com escolas locais para o uso das suas instalações.



As novas experiências nos escalões de formação são mais importantes para os jovens do que a competitividade

“O que temos feito nos últimos dez a 20 anos é procurar um acordo com as escolas de Macau para abrirem as suas instalações desportivas ao público fora do horário escolar”, explica Jess Fong Fei. “Tentamos também otimizar as nossas próprias instalações, remodelá-las ou reconstruí-las para que haja mais instalações acessíveis ao público.”

“Por exemplo, o campo de relva artificial da Escola Secundária Sam Yuk está disponível ao público todos os dias. O Campo dos Operários da Associação Geral dos Operários de Macau, apesar de inicialmente destinado a hóquei, está também disponível para a prática do futebol”, destaca.

O ID negociou também com o Colégio D. Bosco para que o seu centro desportivo possa abrir ao público fora do horário escolar.

“Claro que há alguns períodos em que temos que providenciar os campos aos clubes de futebol sénior locais, para treinos e para os campeonatos de futebol organizados pela AFM”, afirma Jess Fong Fei.

A representante do ID realça também o trabalho levado a cabo na promoção da iniciativa “Desporto para Todos”, um conjunto de actividades destinadas a sensibilizar a população para os benefícios da prática desportiva. Nas Linhas de Acção Governativa para 2023, as autoridades destacam o foco no desenvolvimento de talentos desportivos e no aperfeiçoamento da construção de equipas estagiárias.

O Governo de Macau aponta também à continuação do apoio às associações desportivas na participação e organização de estágios para atletas; nas acções de formação para treinadores e árbitros; e na contratação de treinadores para as equipas estagiárias, por forma a aprofundar a formação de talentos desportivos.

É também realçado o desenvolvimento contínuo de intercâmbios desportivos juvenis em conjunto com as cidades e províncias do Interior da China.

“Esperamos poder incentivar mais cidadãos à prática desportiva através da disponibilização de diferentes tipos de actividades, como as actividades de Verão e as sessões de ‘Desporto para Todos’”, indica Jess Fong Fei. “Esperamos também formar os nossos



O número de crianças a jogar futebol aumentou e os pais ficam muito felizes em acompanhar os filhos às várias sessões de treino

**PUN VENG KEONG**  
DIRECTOR CURRICULAR DA  
ESCOLA DE FUTEBOL JUVENIL

alunos através da Escola de Futebol Juvenil ou de outras escolas de desportos juvenis, contribuindo para o seu crescimento pessoal.”

A responsável do ID lembrou ainda que existem em Macau diferentes escolas desportivas dirigidas a adolescentes, para que estes possam optar pelo desporto que mais lhes interessa. “Podem juntar-se a uma associação, equipa ou clube, aprofundar e desenvolver as suas competências e até representar Macau em competições”, enaltece Jess Fong Fei. “No entanto, o território de Macau é limitado, por isso fazemos o nosso melhor para desenvolver mais talentos locais nas diversas modalidades.”

a minha cidade

# DO FUNDO DA RUA AO TOPO DO MUNDO,



# O VALOR DA RESILIÊNCIA



Poucos domínios levaram tão longe o nome de Macau como o desporto. Então presidente do Instituto do Desporto, **Manuel Silvério** foi um dos arquitectos de um processo que dotou Macau de infra-estruturas de vanguarda e trouxe à cidade os principais nomes do movimento olímpico internacional

Texto | Marco Carvalho

Fotografia | Cheong Kam Ka

**O** GOSTO pelo desporto emergiu cedo e foi uma escapatória para uma infância repleta de desafios. Manuel Silvério experimentou várias modalidades, representou Macau como atleta e chamou a si a responsabilidade pelo desporto local, dirigindo o Instituto do Desporto e o Comité Organizador da edição inaugural dos Jogos da Lusofonia. Uma façanha extraordinária para quem cresceu num bairro que a vertigem do tempo se encarregou de varrer da história. ▲

# a minha cidade

## 01 O lugar da memória

TRÊS ruas paralelas, grosseiramente empedradas, ladeadas por 14 blocos de edifícios espartanos de dois pisos, um naco de terra e de miséria onde se amalgamavam três mil almas de todos os credos, de diferentes línguas e de incontáveis origens. Do bairro onde Manuel Silvério nasceu e onde viveu até aos 21 anos, pouco mais resta do que memórias.

Politicamente inquinado, o nome com que foi baptizado – “28 de Maio” – eclipsou-se no turbilhão da história e as moradias, construídas originalmente para acolher militares e as suas famílias, há muito sucumbiram à vertigem urbanística que transformou a zona norte de Macau.

“O bairro tinha três ruas. A rua na qual eu vivia era a Rua do General Ivens Ferraz. Viviam lá cerca de três mil pessoas, entre portugueses, macaenses e chineses,

provenientes dos mais diversos quadrantes. Também lá viviam estrangeiros, principalmente russos e japoneses. Havia ali de tudo, de simples funcionários públicos, a operários e refugiados”, recorda o antigo presidente do Instituto do Desporto de Macau.

Riscado do mapa, o Bairro 28 de Maio tem hoje uma nova alma e uma nova roupagem e sobrevive apenas na designação pela qual se tornou desde cedo conhecido entre a comunidade chinesa: “Foi sempre conhecido como Fai Chi Kei”. E Fai Chi Kei porquê? Porque os 14 blocos de edifícios estavam alinhados em duas filas, que faziam lembrar os “pauzinhos”, os “fai chis”, explica Manuel Silvério.

## 02 O lugar das letras

“FALAR do meu bairro é falar das minhas origens, das minhas primeiras influências. Foram as

vivências neste bairro que me deram raízes e referências, que me deram garras para lutar na vida e para nunca desistir dos meus sonhos”, sustenta Manuel Silvério.

Mas falar do Bairro 28 de Maio, reconhece, é falar também de um território periférico e marginal, das casas sem água canalizada, da pobreza, e, no seu caso, da maior das tragédias na flor de infância.

“O meu pai morreu em casa, no Bairro 28 de Maio, quando eu tinha sete anos”, sublinha. “Até à morte do meu pai, a minha família vivia numa casa de dois pisos, mas quando o meu pai morreu, retiraram-nos o piso superior.”

Viúva, com quatro filhos menores a seu cargo, a mãe de Manuel Silvério fez vários sacrifícios para assegurar a subsistência da família. Trocaram temporariamente o Fai Chi Kei pelo Lilau, o desamparo pela esperança: “Logo a seguir à morte do meu pai, fui colocado pela minha mãe durante um ou dois anos no Lilau, em casa de uma grande família. A família Castilho recebia na sua casa muitas crianças. Eles tomavam conta dessas crianças, alimentavam-nas, a troco do pagamento de uma compensação pecuniária”, revela o antigo dirigente.

“Foi no bairro do Lilau que comecei a aprender o ABC, com a professora Alice. Foi ali, quando vivi naquela zona, que aprendi as primeiras letras”, conta.



Bairro do Fai Chi Kei



Colégio Dom Bosco

### 03 O culto das raízes

BREVE, mas marcante, a passagem de Manuel Silvério, hoje com 70 anos, pela zona do Lilau terminou, em parte, graças a um expediente hoje inimaginável.

“A minha mãe explorava uma criação de suínos na Ilha Verde. Era a minha avó quem tomava conta dela. Tinham lá uma barraca e eram muitos os conterrâneos da minha mãe e da minha avó que ali criavam animais e cultivavam vegetais. Eu também ali passei algum tempo. A minha avó levava-me

para lá. Na altura, isso era visto como algo um tanto ou quanto vergonhoso, sobretudo por parte da comunidade macaense”, sustenta.

Encravado numa pequena península na margem oeste da desembocadura do Rio das Pérolas, as zonas periféricas de Macau transformaram-se, com o alargamento da cidade, em zonas de cultivo. “Havia vários locais onde se cultivavam hortas, os chamados bairros rurais. Era o caso da Ilha Verde, onde a minha avó criava os porcos”, salienta Manuel Silvério.

“Tenho memórias muito vivas de tudo isto. O bairro de Mong-Há

era um bairro eminentemente rural e o mesmo acontecia com o antigo Hipódromo, que hoje é aquela zona da Areia Preta”, complementa.

As hortas e os pequenos talhões de terreno que a expansão urbana empurrou para os limites da cidade, antes de os aniquilar por completo, foram durante décadas o meio mais imediato de Macau garantir o abastecimento de vegetais.

Para Manuel Silvério e para a família foi também o passaporte para uma vida ligeiramente melhor: “A minha mãe vendia os porcos que criava no mercado. Era uma forma de ganhar dinheiro”.

#### 04 O culto do corpo

FOI durante o mandato de Manuel Silvério à frente do Instituto do Desporto que foi construída grande parte das infra-estruturas desportivas actualmente em uso em Macau, mas foi numa das mais antigas instalações ainda em operação que a sua paixão pelo desporto primeiro se revelou.

Contemporâneo do bairro de ruas empedradas onde Manuel Silvério cresceu, o Canídro foi um refúgio incontornável nos longos domingos da infância. Foi, ainda assim, no Colégio D. Bosco, onde completou a sua formação, que teve a oportunidade de praticar, pela primeira vez, desporto de forma regular e estruturada.

“Ao fim-de-semana ia ao Canídro. Vi ali muitos jogos de futebol. Futebol de bom nível. Vi boas provas de atletismo, boas performances que despertaram em mim o grande desejo de praticar desporto, mas não tinha meios”, admite Manuel Silvério. “Sem dúvida que a minha ida para o Colégio D. Bosco facilitou este panorama. O Colégio D. Bosco tinha campos de jogos e instalações invejáveis na altura e, para quem lá estudava, fosse por gosto ou por obrigação, havia duas sessões diárias de educação física. O futebol e o hóquei em patins eram quase obrigatórios, mas também pratiquei hóquei em campo, atletismo e ping pong”, acrescenta.

Foi, no entanto, numa outra modalidade – o karaté – que Manuel Silvério mais se notabilizou

e inscreveu o nome nos anais da prática desportiva do território: “Foi a modalidade em que mais me empenhei. Treinava sete dias por semana. Treinava e dava aulas. Foi com o karaté que participei consecutivamente em três campeonatos mundiais, como capitão. O primeiro foi em Tóquio, o segundo foi em

Madrid e o terceiro em Taipé”.

A modalidade abriu-lhe também as portas do movimento associativo local e ajudou a fomentar a convicção de que, de um modo ou de outro, talvez o desporto se pudesse transformar numa forma de vida. O resto é história. A de Manuel Silvério e a de Macau.





# INOVAÇÃO FIEL À TRADIÇÃO

São muitas as distinções no currículo profissional de **Tam Kwok Fung**. O reputado chef de gastronomia cantonense, recentemente nomeado “Chef do Ano” pelo prestigiado guia gastronómico “Black Pearl” – sendo o primeiro profissional de Macau a merecer tal prémio –, garante que continua focado numa cozinha criativa, mas seguindo as origens

# gastronomias

Texto | Cherry Chan

**L**ONGE vão os tempos em que a qualidade da cozinha era a única preocupação de um chef de alta gastronomia. O papel deste tipo de profissional é hoje mais amplo: uma refeição num restaurante de topo deve ser agora uma experiência holística, em que todos os sentidos – não apenas o palato – são estimulados e alimentados. Esta nova realidade assenta como uma luva a Tam Kwok Fung, mestre da arte de bem-receber e um dos mais conceituados chefs de gastronomia cantonense em Macau.

O profissional foi, em Fevereiro, premiado com o galardão de “Chef do Ano” pela edição de 2023 do guia de restauração “Black Pearl”, um dos mais conceituados da China. Tratou-se da primeira vez que um chef a trabalhar em Macau recebeu o prémio, que distingue anualmente uma única pessoa em toda a China pelos seus contributos para o sector da restauração.

Esta foi apenas a mais recente das distinções atribuídas ao chef Tam: o restaurante Wing Lei Palace, onde assume o papel de chef executivo, apresenta uma estrela Michelin à entrada, tem distinção máxima pelo Forbes Travel Guide e é o único estabelecimento de Macau que integra a conceituada lista “Asia’s 50 Best Restaurants”. No

entanto, para Tam Kwok Fung, os prémios reconhecem o que já lá vai e os seus olhos estão antes postos no amanhã. “Vamos manter o sucesso? Não temos ideia. Por isso, não podemos deixar de aprender”, sublinha.

## INOVAR DE FORMA SENSATA

Com quatro décadas de experiência, Tam Kwok Fung é um dos mais importantes divulgadores da gastronomia cantonense, vestindo por várias vezes o papel de chef convidado em restaurantes pelo mundo fora, da Europa à Austrália. Natural de Hong Kong e com raízes familiares em Shunde, na província de Guangdong, é reconhecido pela mestria com que mistura tradição

e novas tendências, em pratos que mantêm intactos os sabores autênticos da culinária cantonense.

Apesar de estar hoje entre os melhores, a sua carreira foi feita a pulso, primeiro trabalhando em part-time durante o ensino secundário, a preparar sandes e refeições simples, e, mais tarde, conseguindo um emprego como aprendiz na área da restauração num dos hotéis de Hong Kong. Foi assim que, ainda nos anos 1980, entrou pela primeira vez numa cozinha de um restaurante de gastronomia cantonense. Por aí ficou.

Segundo Tam Kwok Fung, uma das missões que assume é a de preservar e promover este tipo de gastronomia típica do Sul da China – mas sem que isso impacte a sua busca por



© DIETOS RESERVADOS

novidade. “Quando a base da nossa tradição é sólida, podemos acrescentar-lhe criatividade”, garante.

O conceituado chef explica que, na cozinha cantonense, os temperos são usualmente simples: a ênfase é colocada na qualidade e frescura dos ingredientes. É aqui que assenta a base da sua experimentação, introduzindo novos produtos, mas sempre respeitando os princípios desta forma de gastronomia. “Não inovamos apenas por inovar, fazemo-lo de forma sensata e buscando um elemento de novidade para os nossos clientes.” Isso, nota, envolve esforço: “Ser inovador requer estar aberto a aprender através de trabalho árduo”.

O chef sublinha que encara a gastronomia como um serviço. O foco de qualquer profissional,



**Não inovamos apenas por inovar, fazemo-lo de forma sensata e buscando um elemento de novidade para os nossos clientes**

**TAM KWOK FUNG**  
CHEF

diz, deve estar em produzir pratos de qualidade, adaptados às preferências, dieta e até mesmo condições de saúde de cada cliente. Isto porque, na filosofia tradicional da gastronomia cantonense, alimentação e promoção da saúde são duas faces da mesma moeda.

“Um desafio para mim é que, sendo um chef de cozinha cantonense, há ocasiões em que preciso de servir uma mesa de dez convidados, entre os quais estão pessoas de diferentes países, com religiões e culturas distintas”, refere. “Conceber um menu que satisfaça todos neste tipo de situações é sempre complicado.”

#### APRENDIZAGEM PERMANENTE

Antes de chegar a Macau, onde está desde 2007, Tam Kwok Fung trabalhou em Pequim, onde ajudou a abrir um restaurante de gastronomia cantonense, e seguiu depois para Bangucoque. Na capital tailandesa, esteve primeiro na unidade local da cadeia de hotéis Mandarin Oriental e, depois, no The Peninsula. Essa experiência internacional permitiu-lhe servir líderes de estado e outros clientes famosos, mas também colaborar com diversos chefs estrangeiros, familiarizando-se com novos conceitos e técnicas, enquanto aprendia como preparar um menu de alta gastronomia, desde a organização da sequência dos pratos

à harmonização da comida com diferentes tipos de vinho.

Independentemente da geografia onde está localizada a cozinha onde prepara as suas criações, há algo que o chef diz ser um denominador comum na sua forma de trabalhar: uma experiência gastronómica inolvidável começa no mercado, na escolha dos ingredientes sazonais mais frescos e de melhor qualidade, e termina na mesa do restaurante, na interação com os clientes. “Comunicar com os convidados, obter o seu feedback, é muito útil para prestarmos um melhor serviço”, garante. Aliás, acrescenta Tam Kwok Fung, o mesmo acontece em relação aos fornecedores – tudo para que um chef possa compreender melhor cada ingrediente que utiliza. “Quanto mais se ouve, mais se sabe, e mais ideias novas podemos ter”, sustenta.

Noutras palavras, um chef contemporâneo deve ser um homem de vários saberes, supervisionando o restaurante como um todo, incluindo o serviço. “Desta forma, a experiência gastronómica proporcionada é muito melhor”, afiança.

Olhando para o futuro, Tam Kwok Fung afirma que, numa cozinha profissional, não há lugar para o heroísmo nem para o individualismo. Apenas se pode melhorar – e avançar – em conjunto, garante. “Não tenho um delfim. Trabalho em grupo e ensino as gerações mais jovens como uma equipa.”

## roteiro

**+ EXPOSIÇÃO**

# Um raio de luz na poeira da tarde

É um dos nomes mais destacados do Movimento da Nova Arte na China e as suas figuras calvas – a par dos homens de dentes arreganhados de Yue Minjun – tornaram-se quase sinónimas do esplendor da arte contemporânea chinesa.

Imediatamente identificáveis e estranhamente familiares, as criações de Fang Lijun voltam a ser exibidas no território, uma década depois de o Museu de Arte de Macau ter apresentado pela primeira vez uma retrospectiva do pintor, nascido em 1963.



© DIREITOS RESERVADOS

Patente ao público até 11 de Junho, a mostra “A Luz Poeirenta” reúne 190 obras que Fang Lijun pintou entre o início da década de 1980 e o ano passado.

Baptizada a partir de um conceito desenvolvido na obra Tao Te Ching – a ideia de que, em alturas de crise, é sensato “esconder o brilho e fundir-se com a poeira” –, a exposição está dividida em quatro secções, que se reportam a outras tantas fases do processo de desenvolvimento artístico e criativo do pintor.

**A Luz Poeirenta****LOCAL** Museu de Arte de Macau**DATA** Até 11 de Junho**HORÁRIO** Terça-feira a Domingo, das 10 às 19 horas**PREÇO** Entrada gratuita**MAIS INFORMAÇÃO****+ EVENTO**

# Lei Básica, garante de desenvolvimento

A aprovação e promulgação, a 31 de Março de 1993, da Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau pautaram o primeiro e ainda incórcio sopro de vida da nova Macau.

Implementada a partir de 20 de Dezembro de 1999, data em que o território regressou à administração chinesa, a lei fundamental tem, deste então, conformado todos os aspectos da organização social, cívica e económica do território e explica, de acordo com os especialistas, a prosperidade e o grande desenvolvimento económico de



que Macau beneficiou ao longo das últimas décadas.

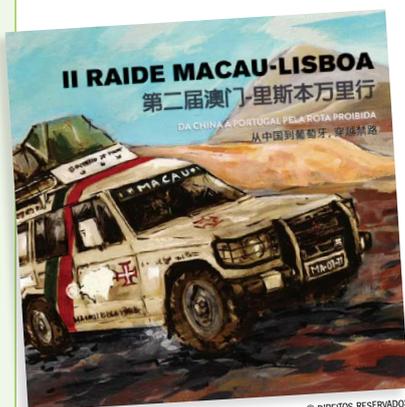
Os 30 anos da Lei Básica deram o mote para a organi-

zação, por parte das autoridades locais, de uma exposição multimédia de grande envergadura no Centro de Ciência de Macau. Patente ao público até 2 de Junho, a iniciativa reúne mais de 350 instantâneos fotográficos que dão conta das mudanças mais significativas ocorridas no território ao longo dos últimos 180 anos.

**Exposição Comemorativa do 30.º Aniversário da Lei Básica****LOCAL** Centro de Ciência de Macau**DATA** Até 2 de Junho**HORÁRIO** Segunda-feira a Domingo, das 10 às 18 horas**PREÇO** Entrada gratuita**MAIS INFORMAÇÃO**

## +LIVRO

## A grande aventura transcontinental



Mais de 30 anos se passaram, mas o II Raide Macau-Lisboa continua a ser sinónimo de vanguarda, tal é a aura de pioneirismo que o envolve. No Verão de 1990, um grupo de dez aventurei-

ros fez-se à estrada, movido por um projecto ambicioso: ligar Macau a Portugal por terra, atravessando regiões até então interditas a viaturas estrangeiras.

A abertura da China e da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ao mundo possibilitou uma expedição com contornos inéditos, através de um trajecto que desde então não voltou a ser repetido.

O relato da aventura deu agora origem a uma banda desenhada, desenvolvida em parceria com a Associação Tentáculo. O álbum, que tem por base os registos feitos por Joaquim Correia, um dos participantes na aventura, foi ilustrado por autores como Fil, Mathieu Pereira, Rafael Antunes, Rui Alex e Sofia Pereira e está disponível desde o ano passado em livrarias de Portugal e Macau.

### II Raide Macau-Lisboa: Da China a Portugal pela Rota Proibida

**AUTORIA** Joaquim Correia, Marco Fraga da Silva e vários

**CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA** Banda desenhada

**IDIOMAS** Português e Chinês

**PÁGINAS** 84

**EDITOR** Associação Tentáculo

## +NA REDE

## Um mergulho no passado, postal a postal

Um rectângulo de papel, com uma imagem impressa e espaço para correspondência. Criados na segunda metade do século XIX, os bilhetes postais foram um dos primeiros meios de comunicação a ganhar destaque à escala mundial.

A massificação dos movimentos migratórios, primeiro, e a generalização progressiva das viagens de lazer, depois, ajudaram a fazer do bilhete-postal um dos elementos precursores da globalização e um dos símbolos do início da sociedade de consumo de massas. Com o volver do tempo, tornou-se também uma das mais interessantes e valiosas fontes documentais para a história dos espaços urbanos.

Foi essa a perspectiva que norteou a organização, entre Setembro de 2020 e Maio de 2021, da exposição “Memória do Passado – Exposição da Colecção de Postais do Museu de Macau”. A mostra, que propunha um périplo pela evolução do tecido urbano do território tendo como ponto de partida bilhetes postais de diferentes épocas, já há muito foi substituída, mas sobrevive em formato virtual na página da instituição museológica.



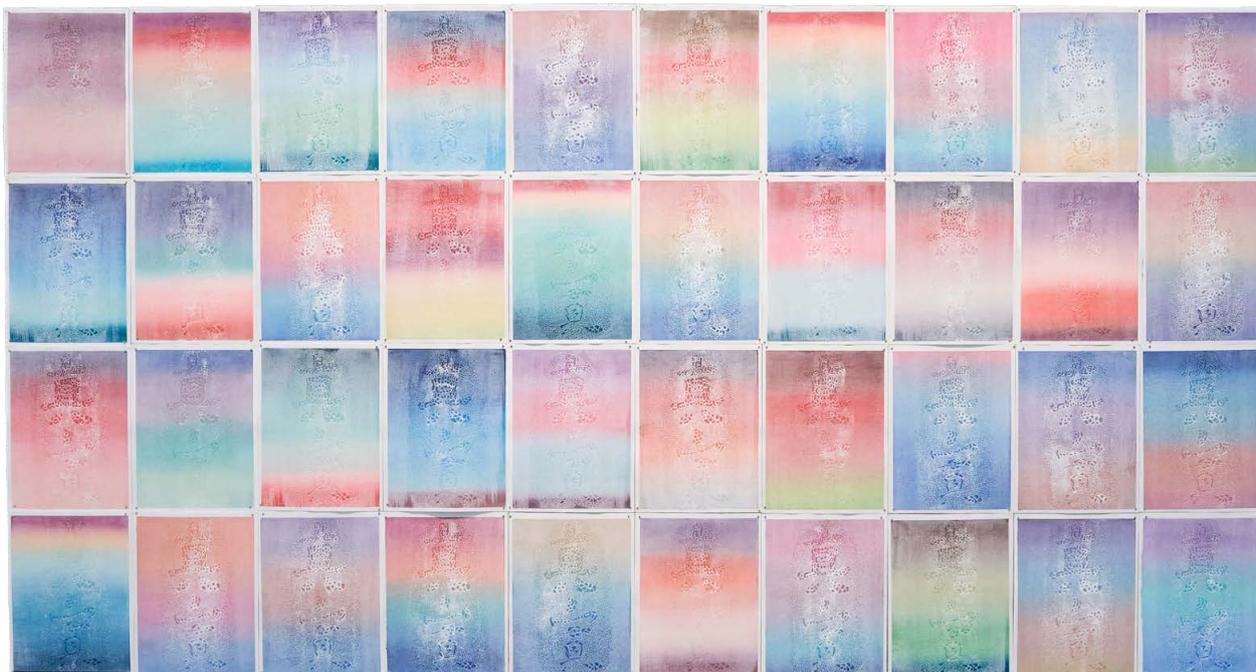
**ORGANIZAÇÃO** Museu de Macau

**CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA** História e Coleccionismo

**IDIOMAS** Português, Chinês e Inglês



**WEBSITE**  
<https://www.macaumuseum.gov.mo>



## “CADA UM TEM A SUA PRÓPRIA VERDADE” (2020)

Xilogravura com tintas à base de água – instalação de até 100 folhas de papel “Hanshi”, de acordo com o espaço disponível (23cm comprimento x 31cm altura por folha)

## Cheong Hoi I

NASCIDA em Macau, Cheong Hoi I é uma das referências locais no campo da xilografia, técnica que consiste em executar uma gravura em relevo sobre madeira, permitindo a impressão de imagens através de estampagem. A artista é directora-executiva da Associação de Xilogravura de Macau, consultora da Associação Internacional de Xilogravura (Ásia) e membro fundador do Centro de Estudo de Gravuras de Macau.

As suas obras estiveram já em exposição em diversos pontos do globo, incluindo França, Japão, Portugal, Rússia, Espanha, Estados Unidos, Reino Unido, Interior da China, Hong Kong, Taiwan e, claro, Macau. A artista conta com participações em várias residências artísticas fora do território, tendo sido também seleccionada em 2019 para o “Projecto

de Promoção do Jovem Artista de Macau”, a cargo da Fundação Macau. Entre outras distinções, o seu trabalho já foi premiado no âmbito da “Exposição Colectiva das Artes Visuais de Macau”, certame organizado pelo Instituto Cultural de Macau.

Nos últimos anos, Mel Cheong, como também é conhecida, tem vindo a interessar-se pela criação de instalações artísticas “site specific”, isto é, nas quais existe uma relação formal ou conceptual com os lugares onde são colocadas. ▲

Ver mais:



INSTAGRAM



FACEBOOK



# 中國-葡語國家經貿 合作及人才信息網

## PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

葡語國家食品資料庫  
BASE DE DADOS DOS PRODUTOS ALIMENTARES  
DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

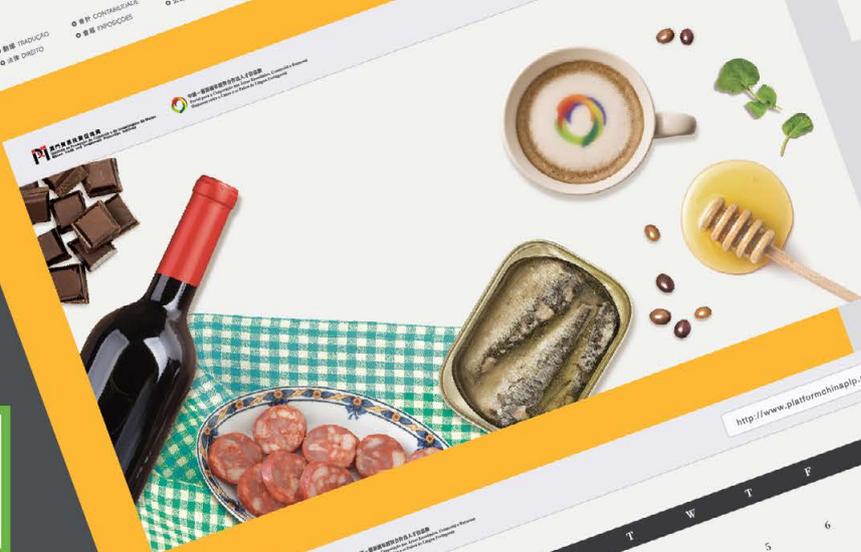
中葡雙語人才資料庫  
BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS  
QUALIFICADOS EM CHINÊS E PORTUGUÊS

專業服務供應商  
FORNECEDORES DE SERVIÇOS PROFISSIONAIS

會展資訊  
INFORMAÇÃO SOBRE CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES

經貿信息  
INFORMAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL

法規資訊  
LEIS E REGULAMENTOS



主辦單位：  
Entidades Organizadoras：

中華人民共和國商務部  
Ministério do Comércio da  
República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司  
Secretaria para a Economia e  
Finanças da RAEM

承辦單位：  
Entidade Coordenadora：



澳門貿易投資促進局  
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau  
Macao Trade and Investment Promotion Institute



platformchina



請認明此標誌  
注意：假冒此標誌者將負法律責任



澳門大賽車博物館  
MUSEU DO GRANDE PRÉMIO DE MACAU  
MACAO GRAND PRIX MUSEUM

*Sintam o  
Museu do Grande Prémio!  
Adquira o seu bilhete  
no museu ou online*

<https://eticket.macaotourism.gov.mo>



Add : Rua de Luís Gonzaga Gomes n.º 431, Macau  
Webside : [mgpm.macaotourism.gov.mo](http://mgpm.macaotourism.gov.mo)